

PRIMEIROS DIAS DE INVERNO EM LISBOA (Foto do artista I. Kirchner, para «Vida Mundial Ilustrada»).



VIDA
MUNDIAL
ILUSTRADA
SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

POLÍTICA do ATLÂNTICO

As relações culturais luso-brasileiras

evocadas por João de Barros

por Castro Soromenho

HA mais de vinte anos que, em Portugal, um verdadeiro homem de letras, alma aberta a todos os vãos da inteligência, coração dado a todas as esperanças, guia um movimento, de que é o chefe prestigioso, embora à sua modestia, própria do seu belo e grande espírito, a honra de o ser o não enveja pessoalmente, e de que foi no campo das realidades pioneiro, movimento que designou por Política do Atlântico—bela e forte legenda que encontrou no Brasil e em Portugal, despertados para um intercâmbio cultural pela sua voz de conferencista e pela sua brilhante pena de poeta e de escritor, a compreensão desse movimento que une, servindo a perpetuidade da língua, milhões de homens nascidos na mesma pátria espiritual: «no mundo que o português criou».

Portugal e o Brasil sabem que o chefe desse movimento é João de Barros—o grande poeta de «Antheu» e de «Sisypho», e o escritor que nos apontou o «Caminho da Atlântida», que nos mostrou a «Energia Brasileira» e nos deu o «Sentido do Atlântico» nestas e em muitas outras obras que é mister rever sempre que se trate do intercâmbio cultural luso-brasileiro, porque elas são a bússola da Política do Atlântico.

Procurámos João de Barros, poeta e escritor consagrado nos dois países irmãos, e registámos suas autorizadas palavras.

— Como nasceu a ideia da política do Atlântico?

— Era uma ideia que se impunha, que a História e a Geografia impunham a brasileiros e portugueses. Mas, entre nós, o seu primeiro intérprete e defensor foi, como se sabe, Consiglieri Pedroso, apresentando, na Sociedade de Geografia, um texto de possível acordo luso-brasileiro nas vésperas da malograda viagem do rei D. Carlos ao Brasil. Com a energia e a inteligência

que todos admiram nesse professor e sábio ilustre, logo criou em torno do seu alvitre um grande movimento de simpatia. No Brasil, o grande Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores, a quem fôra telegrafado o projecto de Consiglieri Pedroso, se não lhe dava imediata adesão e perante elle confessava a sua surpresa, também o não repelia. Certo, como disse Paulo Barreto, o projecto vinha eivado de muitas impossibilidades materiais. No entanto, ali se aventam a realização de congressos periódicos de brasileiros e portugueses; a criação dum porto franco e duma linha de navegação comum; o intercâmbio intelectual, científico, literário e artístico—dando aos diplomados brasileiros em Portugal e aos diplomados portugueses no Brasil, os mesmos direitos, com equivalência dos respectivos títulos de habilitação; e até a fundação duma revista, que fosse o órgão permanente do movimento de aproximação a promover. Num livro que não perdeu ainda actualidade, um republicano, economista e jornalista, hoje por demais esquecido, criticou o que julgava ser o idealismo exagerado de Consiglieri Pedroso. Ambos, porém, se batiam pelo mesmo sonho:—estabelecer a verdadeira e eficiente fraternidade do Brasil e de Portugal.

«Mais tarde, Paulo Barreto (João do Rio) tornou-se o apóstolo fervoroso dessa nobre causa. Está na lembrança de todos a sua acção constante, lucidíssima e desinteressada. Em 1909, publicava o seu «Portugal de Agora», livro de intenso entusiasmo e de clara visão, que brasileiros e portugueses leram com admirativa simpatia. Desde essa data, nunca mais o seu carinho

nos abandonou. A terra e a gente portuguesas, nos múltiplos aspectos da sua beleza ou da sua actividade, foram assuntos a cada passo eleitos pelo seu espírito e pela sua pena. Morreu ao sair uma noite do jornal «A Pátria», que fundara para exaltar, fortalecer e ampliar a mútua amizade do seu e do nosso povo. Os portugueses do Brasil, tanto como os portugueses de Portugal, nunca pagarão à sua memória a dívida de reconhecimento que se lhe ficou devendo.

«Em 1919, estando João do Rio em Paris, como cronista da conferência da Paz para o diário «O País» do Rio de Janeiro—então dirigido por João de Sousa Lage, irmão de Eduardo de Sousa—tudo elle fez para que o presidente eleito da República Brasileira, o eminente Dr. Epitácio Pessoa, visitasse Portugal no seu regresso ao Brasil. Circunstâncias de momento pareciam dificultar essa visita. Paulo Barreto soube removê-las. E, do lado português, o civismo dum estadista insigne, que sempre me estimulou e esclareceu na minha modesta mas tenaz campanha de luso-brasileirismo—o Dr. Augusto Soares—abriu caminho fácil a esse acto de incalculáveis e benéficos resultados políticos. Direi mais:—a esse primeiro e feliz acto da grande política do Atlântico.

«A viagem apoteótica de António José de Almeida ao Brasil foi a segunda fase da jornada triunfal luso-brasileira. Pessoas há que se queixam de que ela não tivesse consequências mais práticas de que realmente teve. Ainda assim, algumas, aliás patentes, se podem registar. Mas bastava a extraordinária irradiação de afecto que se verificou e como que se formou en-

tre as duas Patrias almas, para estabelecer um ambiente, um clima sentimental de tal maneira propício às mais belas e úteis realizações que, mais tarde ou mais cedo, elas brotariam, inevitavelmente, de inevitáveis oportunidades.

— E agora?

— Agora há a esperar os tratados ou acordos que certamente resultarão dos trabalhos da recente Embaixada que foi agradecer ao governo brasileiro a participação nas nossas festas centenárias. Confio nos homens ilustres que dela fazem parte, e no seu patriotismo evidente e lúcido.

E João de Barros conclui:

— Não descansemos, porém, no nosso empenho de tornar melhor conhecidos os dois povos, através dos seus escritores, dos seus artistas, dos seus professores, dos seus sábios e dos seus técnicos. Toda a obra que o espírito e a cultura não vivificam e conduzem é sempre vã. E nenhuma, como esta obra, como esta construção cada vez maior da boa fraternidade luso-brasileira (o que vale dizer:—da política atlântica) precisa tanto de incentivos, de simpatias, de esforços e de presenças espirituais. Sigamos o exemplo que em tal sentido nos legaram um João do Rio e um Malheiro Dias, símbolos supremos, um do lealíssimo amor do Brasil a Portugal, outro do amor sempre renovado de Portugal pelo Brasil. Meditemos e pratiquemos os alvites do grande Gilberto Freyre quando nos diz que é numa base cultural «que deverá fazer-se uma política de verdadeira aproximação entre o Brasil e Portugal e os povos da Africa, da Asia e das ilhas colonizadas pela gente portuguesa».

Vida
MUNDIAL
Ilustrada
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.ª—Lisboa—Tel. 25844

CONDIÇÕES DE ASSINATURA
Continente e Ilhas (12 n.ºs)
— 11\$00; 6 meses (24 n.ºs) — 22\$00;
12 meses (48 n.ºs) — 43\$00. — Africa:
12 meses (48 números) — 60\$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses
(48 n.ºs) — 65\$00; estrangeiro a/convenção — 12 meses (48 n.ºs) — 80\$00.
COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.ª — Ir. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS em Portugal e Colónias: Agência Internacional, R. de S. Nicolau, 19, 2.ª - Tel. 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO
DE CENSURA



O DR. JOÃO DE BARROS, NO SEU GABINETE DE TRABALHO

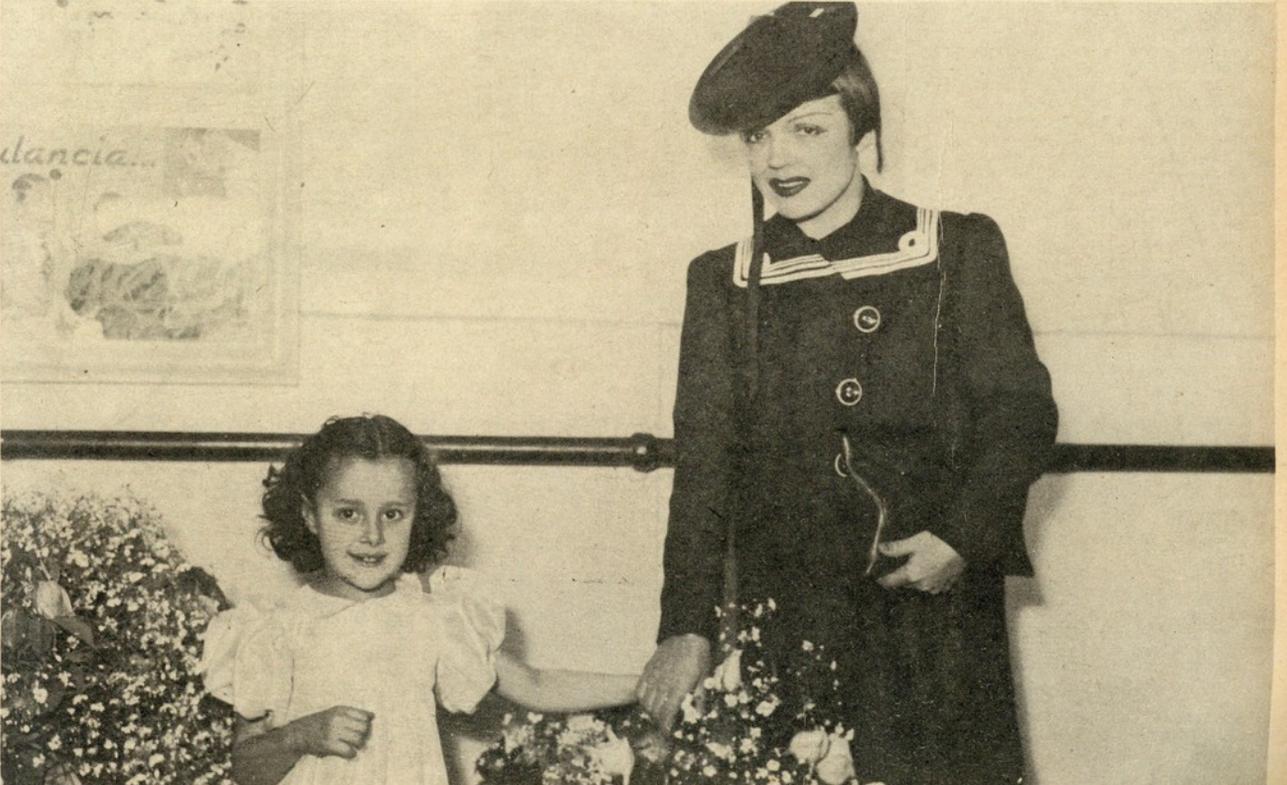
(Foto especial para «Vida Mundial Ilustrada»)

Vida
MUNDIAL
Ilustrada



BEATRIZ COSTA VEM AÍ?

LISBOA TEM SAUDADES DA BEATRIZ. A sua artista preferida, a mais popular, encontra-se há tempos no Brasil. Partiu para uma «tournée» de alguns meses e já lá está há cerca de três anos. O público tem acompanhado com interesse a sua carreira, tendo lido, com carinho, as notícias que dela nos chegam: Actriz de revista e de opereta, artista da rádio, tem-se exibido em vários teatros, casinos e «dancings» do Rio de Janeiro e outras cidades, tem cantado ao microfone de grande número de estações, tem animado palcos e salões. Protagonista do filme «A Portuguesinha», de Chianca de Garcia, — que brevemente veremos nos nossos «écrans» — heroína de muitos romances impossíveis, Beatriz — dizem as agências telegráficas — tem também saudades de Portugal, e ao cabo de longa ausência vai regressar, no fim do ano, a Lisboa. Damos nesta página as últimas fotografias tiradas por Beatriz Costa em Portugal, antes da sua partida: em cima, no seu camarim, na noite da sua despedida; em baixo, no barco que a levou ao Brasil, com a sua afilhada. (Fotos J. Garcia).



panorama internacional

Manoefras de inverno

por Francisco Velloso

OITO dias de diplomacia acelerada, vibrando a latejação crescente que a força do mesmo passo as ansiedades do mundo e as emergências do conflito — podem chamar-se a estes, na contagem do tempo revólto em que vivemos. As antenas mais altas das estações radiotelegráficas bezoaram ao assôpro de discursos proferidos pelos chefes dos mais poderosos Estados em litígio. E todo este rumor se amplificou em tão largas ondas de repercussão, que até parecem, a certo momento, assurdinar-se em plano inferior o terrífico fragor da batalha da Rússia, os estrondos dos bombardeamentos das esquadras aéreas, e os roncões dos canhoneios da guerra marítima.

UMA FRASE E UM DISCURSO

Esta espécie de duelos verbais foi aberta por Goebbels com um artigo no *Das Reich* intitulado por uma pergunta que as populações alemãs fazem, tão perturbadas como todos os povos: Como acabará a guerra?

Esta questão, disse o ministro da propaganda assás significativamente, é hoje mais importante do que a de saber quando ela acabará. Reconhecendo a existência de uma colisão dos «inimigos da Alemanha», Goebbels pôs o dilema da vitória d'elles e a do Reich, e colocou entre os seus termos o povo, diante da lei dos sacrificios necessários para sair vencedor da provação. Mas foi mais longe. Apertando o laço dilemático, e respondendo a objecções que naturalmente não são apenas implícitas, impôs que o desencadeamento da guerra de 1939 foi inevitável. Segundo ele, ainda mesmo que a França e a Inglaterra, depois da derrota da Polónia, houvessem atendido as reivindicações alemãs ou aceitado as propostas de paz apresentadas por Hitler, os problemas europeus não ficariam resolvidos. «A Alemanha ver-se-ia novamente, passados alguns anos, obrigada a fazer a guerra». Hitler não guiara por este raciocínio, antes pelo contrário, os seus mais notáveis discursos desse tempo e outros posteriores, pois sempre lançou sobre os seus adversários, e especialmente sobre a Inglaterra a responsabilidade desta catástrofe por haverem recusado a sua «mão amiga».

O que não passou despercebido, foi o tom visivelmente colérico da oração de Hitler, dois dias depois da publicação daquele artigo, ao comemorar-se no dia 9, o aniversário do *Putsch* de 1923 em Muni-

que, na sala histórica do *Loewenbrauenerkeller*, na capital bávara.

A que visou este novo discurso do extraordinário chefe da Alemanha? Ainda uma vez a explicar a guerra à Rússia, e para acentuar a resposta germânica aos Estados Unidos. Quanto à primeira, invocou uma combinação anglo-soviética já existente em 1939-1940. Não fica por certo assim esclarecido e justificado o pacto germano-russo de 1939, mas Hitler também não falou com o fim de o explicar, senão com o de demonstrar que a guerra nos Balcãs era proêmio essencial para sustentar a de Leste, cujo balanço actual descreveu, afirmando em números de perdas do inimigo.

Quanto aos Estados Unidos, Hitler manteve a posição inicial. Sempre que um dos seus submarinos ou navios de guerra houver de atacar qualquer comboio marítimo ele levará ordem sua para fazer fogo, logo que seja alvo de ataque, isto é, desde que seja atacado.

E cumprido isto, Hitler deu à sua fala o remate da peculiar eloquência conclamadora. Responderá às duas primaciais perguntas que atravessou os espiritos alemães e tentara rectificar a franqueza de Goebbels.

DECLARAÇÕES EM «RAID»

Do outro lado da Mancha, and o u Churchill também a discursar. A última crise política parece haver sido capeada por ele. O primeiro ministro escutou bem as aspirações populares de auxilio à Rússia e de ofensiva, e julgou-se que chamou todos os discordantes a um esforço colectivo de plena intensidade, afogando nêle, ao menos temporariamente, cisões que poderiam mal ferir o conjunto do bloco nacional. Tôdas as suas palavras timbram de animosa decisão. Foi a resposta da tenacidade britânica ao discurso do «Führer» em Munique.

Em Northsfield, aos operários dos estaleiros navais, disse que acabava de passar um «dos períodos mais sombrios e perigosos desta guerra» mas que a Inglaterra «se assenhoreara novamente do seu destino». Em Hull, no *Townhall*, subiu de tom tribunicio. Confessou erros passados para avultar a energia presente, e sobretudo as suas esperanças nas esquadras da América e nos fornecimentos que de lá vêm ao abrigo dos seus canhões. Perfilou o operário mineiro ao lado dos artilheiros e dos aviadores.

Churchill reservava-se, porém, para o dia 10, em Londres, por ocasião de um banquete solenizando a posse do novo Lord-Mayor. Nesse discurso, mormente se o cotejarmos ao de Hitler, encontramos talvez uma das futuras linhas de força desta guerra. Hitler confinara

as suas declarações na campanha da Rússia e na réplica diplomática à ameaça americana; e, comquanto e muito naturalmente reafirmasse a vitória alemã (Goebbels mais explicitamente focara nela uma condição de existência nacional com alusões à organização da Europa pela joieira do Reich) e até colocasse já Berlim a defrontar-se contra Washington, — não encarou a guerra por mais extensas órbitas. Churchill fêz em todo o seu discurso o contrário. Começou propondo como seu primeiro ponto de vista, em tese real e indiscutível, o alastramento da guerra. E concentrou o segundo nestoutou frase: «A Europa encontra-se em condições terríveis, ao máximo».

Depois, pesquisando referências, topamos esta, reportada a uma garantia do coronel Knox: «uma grande parte da Marinha dos Estados Unidos está constantemente em acção contra o inimigo comum». E outra: «temos um potencial aéreo igual em eficiência e em número ao do inimigo». Depois aludiu à acção, na verdade dominadora da esquadra do Mediterrâneo (agora ferida pela tremenda perda do *Ark-Royal*), à conjunção naval anglo-americana e à cooperação unânime do Império.

Daqui Churchill encarou o caso do Japão e hábilmente o aproveitou para impressionar estimuladamente os Estados Unidos (se o Império do Sol Nascente declarar a guerra à República, dentro de uma hora a Inglaterra estará ao lado desta) e para lançar à China uma afirmação de solidariedade terminante. No final, assegurou a recusa de qualquer proposta de paz com Hitler ou com quem represente o nazismo, esteja a Grã-Bretanha só ou acompanhada, dure a guerra o que durar. Quasi involuntariamente sobrenadaram na memória, ao tom destas palavras, as recordações históricas da intransigência entre Pitt e Napoleão.

Aquém e além da Mancha assistimos, pois, a um passe de armas. E o tímido duro dos ferros foi ouvido pelo Mundo. No geral, os grandes homens de Estado só falam de coisas profundas nos momentos graves, angulares e oportunos. Tanto Hitler como Churchill falaram na hora própria, no grande *tournalet*, e a América e a Rússia foram para ambos o mesmo tema, — em pautas de música diplomática diferentes.

PRODUÇÃO AO DESAFIO



MACKENZIL KING originaram aquele «período dos mais sombrios» que o bloco aliado, segundo a expres-

são assás transparente de Churchill, acaba de atravessar, e do qual fizemos menção na última crônica.

No dia 5, o vigoroso Mackenzil King veio de Otawa selar com Roosevelt um acôrdo para a coor denação da produção de guerra. Sabido o esforço colossal e brilhante do Canadá em tal capítulo, este pacto é como se o grande estadista que governa aquele Dominio, travasse do braço do presidente para o arrancar para diante. Falava-se já nesse dia em Nova Lorque de que na primavera sairão das fábricas 5.000 motores de avião por mês, e de que o velho Ford dará 400 «tanks» em igual período. Será assim?

Nesse mesmo dia, o presidente instava do Congresso a aprovação das emendas à Lei da Neutralidade e no dia seguinte, proferia uma alocução aos delegados à Assembleia da Repartição Internacional do Trabalho saudando as resistências dos povos ocupados, reclamando já para os Estados Unidos o direito de participarem na luta comum, e exprobandos os industriais e operários que por egoísmo se refugiam do dever de servirem a defesa da liberdade.

E é de lembrar que Bevin acaba também de apelar para os operários ingleses, o nervo da guerra. E nesses mesmo Congresso votou-se no dia 3 uma moção estabelecendo que o futuro pacto de paz não deve ser feito por diplomatas, mas sim pelos representantes directos do povo, incluindo os das indústrias e do trabalho.

Dois anos antes de morrer, Pio XI, uma das grandes figuras deste século, disse a mesma coisa...

Dias volvidos, aparecia o chamado *Plano de Esmagamento de Hitler*, elaborado pelos representantes presidenciais regressados de Moscovo e Londres: — 75 mil milhões de dólares para 4 milhões de soldados, 25 mil bombardeiros, 50 mil aviões de guerra, conversão de 163.000 fábricas ao trabalho da indústria de guerra, — pois só 1.200 agora em tal se aplicam! Por detrás deste enorme cartaz, digno dos cortejos da Quinta Avenida novaioquina, batia-se o grande tam-tam dos apelos de Roosevelt, de Knox e de Cordell Hull. A imprensa rufava. Do lado de cá, da Europa, o barulho americano ouviu-se mais que as percentagens dos inquéritos Gallup. O citado discurso de Churchill traduziu essa impressão. A 11, aniversário do Armistício, Roosevelt erguia diante do povo o sacrificio dos mortos em França há um quarto de século. E era quasi a mobilização moral: «Eles morreram para construir um futuro sólido. E se, por culpa nossa, dos que estão vivos, a segurança desse futuro está novamente ameaçada, é obrigação nossa defendê-la. Temos a responsabilidade para com os mortos, para que eles sintam que o seu sacrificio não foi em vão».

Wilkie, numa alocução endere-

(Continua na pág. 17)



DR. GOEBBELS



CHURCHILL



MACKENZIL KING originaram aquele «período dos mais sombrios» que o bloco aliado, segundo a expres-



na Frente Oriental



VÁRIOS ASPECTOS DA CAMPANHA DA RÚSSIA, em fotos obtidas recentemente na frente de combate — De cima para baixo: Soldados alemães que acabam de atravessar um rio escolhem terreno onde possam esconder os barcos; um carro armado russo incendiado pelo fogo das baterias alemãs; soldados da artilharia do Reich transportando o seu material pesado, numa jangada, sob intenso fogo do inimigo; uma bateria de costa fazendo fogo no Báltico.

CALÇADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

A Portugalia publicou agora, num suggestivo volume, a terceira edição do In Illo Tempore, o célebre livro de Trindade Coelho. Eis um livro que não tem cabelos brancos! Ressumando graça, frescura, mocidade, dir-se-ia que o anima uma espécie de elixir de longa vida. A semelhança de Coimbra, que todos os dias se renova ao espelho dourado da manhã, cada edição deste livro parece surgir com uma nova juventude. Inventário vivíssimo duma geração brilhante, fiel documentário da vida académica coimbrã há sessenta anos, cada página conserva, um perfume, ao mesmo tempo doce e sentimental, risonho e emotivo, que jamais se apagará. Com que saudades — mesmo nós que os não vivemos — recordamos tantos episódios dessa época, desde a Festas das Latas às Fogueiras do São João, desde a Campanha do Zé Pereira à aula do Chaves, desde as guitarradas ao luar até aos idílios no Choupal! Um dia, certo estudante encontrou João de Deus para os lados de Santo António dos Olivais, triste, melancólico, de olhos no chão.

— Tu que andas aqui a fazer? Perdeste alguma coisa?

Logo João de Deus, franzindo o nariz: — Perdi o ano. Ando a ver se o encontro...

No fundo, era um poeta lírico que admitia tudo — menos deixar Coimbra. In Illo Tempore!

PÃO DE LÓ

O dr. Fernando Tavares de Carvalho, illustre notário em Lisboa, escrevia, há pouco, a propósito de Carlos Malheiro Dias: «Eu, por meu lado, sempre fui, por impiedade do destino, o átomo de uma multidão atarefada, que procurando não viver apenas de pão, do pão se vê forçada a viver, etc...» Sejam-nos permitido recordar que o pão do nosso amigo Fernando é, em todo o caso, um autêntico pão de ló, e a impiedade do destino em que fala não é tão dura que hesite afectuosamente em conceder-lhe por ano, nada mais nada menos, do que 197 contos — segundo o Boletim Oficial do Ministério da Justiça.

Quando Fernando Tavares de Carvalho se queixa da impiedade do destino, que dirão aqueles para quem o destino não mostra qualquer migalha de piedade!

ZÉCO VAI CASAR

SEGUNDO se afirma nos meios artísticos, Zéco: illustre caricaturista colaborador desta página, vai casar dentro em breve. Com quem? Eis o mistério. Mas — já se pergunta pelos «cafés» — se ele não casará apenas para fazer a caricatura dum lar moderno? Não cremos: deve ser por mais alguma coisa...

UM DITO

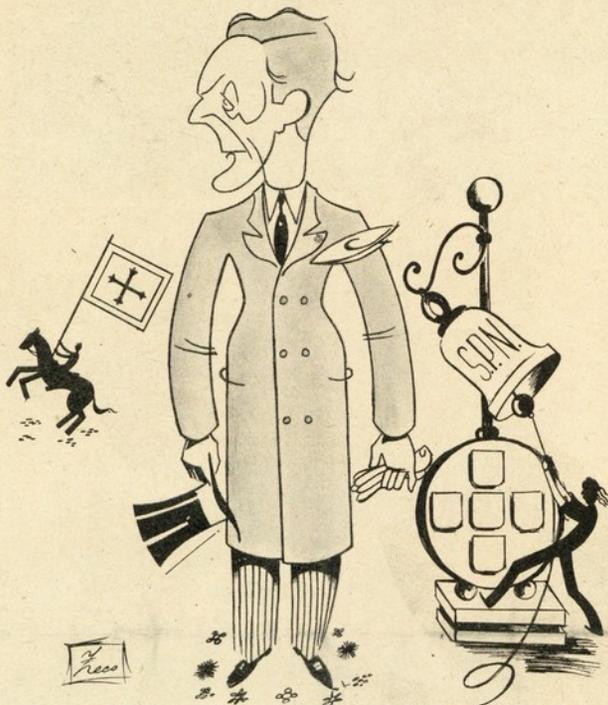
O dr. João de Deus Ramos contou-nos, há pouco, este episódio curioso. Um irmão de certo político e orador muito conhecido costumava levar as noites cultivando Baccho em todas as tabernas e baticas que encontrasse. Uma manhã, João de Deus Ramos topa-o no Rossio.

— Homem, acho-te hoje com má-cara...

Logo o outro:

— Não admira... Não dormi esta noite nem pinga...

EÇA É QUE É ESSA



Uma noite, há anos, recostado numa cadeira de palhinha da sua pensão, António Eça de Queiroz acabou de escrever a última página do seu último livro, acendeu um cigarro e, para desanuviar o espirito de profundas reflexões, abriu, ao acaso, um volume que tirou da estante. Começava a cair numa sonolência grata quando um período singular se destacou do tom cinzento da página com o relêvo duma moeda de ouro luzindo num tapete velho. Copio textualmente: «Existe um Mandarim que tudo manda. Para que tu herdés os seus infundáveis cabedais, basta que toques uma campainha posta a teu lado, sobre um livro». António Eça, a princípio, sorriu sobre aquelas palavras misteriosas e sugestivas; considerou o que havia nelas de «blague» e de anedota, de enigma e de cilada; mas quis o Destino que, junto d'ele, estivesse precisamente uma campainha — a minúscula campainha com que costumava chamar, todas as manhãs, para o pequeno almoço, a obscura Rosa — e uma força estranha, irreprimível, atraiu a sua mão para o badalo. Tocou. Foi talvez ilusão, mas pareceu-lhe logo que um sino formidável, de boca tão vasta como o próprio céu, badalava através do Universo; e em vez da Rosa, a humilde criada, surgiu-lhe uma linda mulher, vestida de seda azul, que, numa vaga névoa de sonho, lhe deu o braço — e o conduziu, absorto e resplandecente, a um palácio encantado, ofereceu-lhe uma nobre cadeira de espaldar, colocou as suas ordens uma multidão de empregados senhoriais, e, abrindo o saco de mão, tirou uma campainha de ouro, exclamando ao entregar-lha:

— Aqui tens esta campainha. Quando quiseres alguma coisa, para bem, é só tocares.

E logo acrescentou, murmurando, atirando um sorriso:

— Como vês, querido António, o Mandarim que teu glorioso pai escreveu, um dia, não é uma ficção e pode ser uma realidade. Adeus, bom amigo.

E desapareceu.

Temos de reconhecer que António Eça de Queiroz, senhor de múltiplas qualidades de actividade e de talento, tem dado um excelente uso àquela providencial campainha de ouro.

A PERA DO FONTES

BOURBON e Meneses traçava um dia destes na *Noticias* um perfil de Fontes Pereira de Melo, acrescentando-lhe uma pera. — que Fontes nunca teve. A História recalculou — e Bourbon foi eruditamente coajido a retirar a pera do estadista. Um pequeno incidente que deu a Bourbon água pela barba...

ERUDIÇÃO

DOIS sujeitos leram, há dias, o anúncio da fita do *Ginnásio* sobre o dr. Koch.

— Este Koch é que escreveu a *Menina das três saias*? — disse um deles.

— Não percebes nada disto, homem!

— exclamou o outro — Este Koch foi o que descobriu o carvão de pedra!

FRASES

PARA os aborrecidos ainda não há nada, para os distrair, como o Xavier de Montepin. Para os enlacrados ainda não há nada, para os reconfortar, como o Xavier do Monte... pio!

NECROLOGIA

O dr. Fortunato da Fonseca, excelente espirito de ironista, costumava dizer quando via no jornal o falecimento de alguma pessoa notável:

— Já viram hoje a necrologia?

— ?

— Vem boa a valer!

SEGUIR MULHERES

UM velho D. Juan é surpreendido por um amigo, certa noite, seguindo uma rapariga muito mais nova do que ele.

— Tencionas segui-la durante muito tempo? — inquire o amigo.

O outro:

— Até a perder de vista...

OS MACACOS

UM senhor já de idade, antes de contrair matrimónio, achou prudente sujeitar-se a uma daquelas enxertias de glândulas de macaco preconizadas pelo dr. Voronoff. Casou-se. Ao fim de dez ou onze meses, o Destino feundo quis dar-lhe a alegria de o fazer papá. No momento em que nascia a criança, o pai, abrindo uma nesga da porta do quarto onde se estava realizando o sucesso, perguntou, naturalmente alvorçado e curioso, ao médico que assistia à mulher:

— É menino ou menina, senhor doutor?

Logo o doutor, inquieto:

— Ainda não sei... Mal nasceu deu logo um pulo para cima do armário, que parecia um macaco!

O SURDO E O MÉDICO

A pequena história aparecida na última *Calçada da Glória*, sob a epígrafe de *O surdo e o médico* saiu incompleta, e esta circunstância poderá originar interpretações completamente fora dos nossos propósitos, ao escrevê-la. Por isso a reproduzimos agora integral, tal como nos foi contada.

Um surdo, embora não por completo, foi recentemente consultar o illustre especialista de ouvidos, dr. Luiz Queriol Macieira. Fina a consulta, perguntou o doente:

— Quanto devo, senhor doutor?

— Quarenta escudos!

— Cinquenta?

— Sessenta! — torna o médico.

— Setenta?

— Não, homem, oitenta!

— Ah! noventa! — compreendeu, por fim, o doente.

E ia a dar uma nota de cem, quando Luiz Queriol Macieira lhe disse com o melhor sorriso do mundo:

— Homem, não é nada! Ainda não tinha percebido?...

Então o surdo ouviu logo, claramente,

— Nesse caso muito obrigado, senhor doutor. Cá voltarei amanhã...

Emil S. Oliveira



Figuras da Vida

MUNDIAL

Vida
MUNDIAL
Astrada

WENDEL WILLKIE, candidato republicano à última eleição para a Presidência dos Estados Unidos, foi um magnífico vencedor. Logo no dia seguinte ao do resultado da votação, enviava a Roosevelt um telegrama desejando-lhe felicidades e pondo-se ao seu dispor para o que êle necessitasse em favor dos interesses da América do Norte. Willkie cumpriu a sua promessa. Nas viagens que, depois disso, fez à Europa, na sua larga permanência na Inglaterra, e na sua digressão pelos vários estados norte-americanos, êle tem defendido sempre os pontos de vista do Presidente e os seus objectivos em relação à política externa. A êle se deve, em grande parte, a votação favorável, recentemente feita no Senado, às emendas à Lei da Neutralidade — o que vem colocar os Estados Unidos numa nova posição perante a guerra.

(Caricatura de Cândido da Costa Pinto)

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Assim estalou a guerra

3

A PAZ QUE SE EXTINGUE

N

A noite de 21 de Agosto de 1939, um acontecimento inesperado deu ao mundo a sensação de que a guerra era inevitável. As estações de rádio de Berlim e Moscovo anunciaram, à mesma hora, que entre o Reich e o U. R. S. S. se concluiu um pacto de amizade e não agressão. Durante seis anos, desde o trivento do nacional-socialismo, os chefes de fila do regime nazí e do regime soviético, tinham dado, por afirmações claras e inequívocas, a sensação de que entre os dois sistemas de governo não era possível qualquer conciliação ou entendimento.

Nos meios bem informados, nenhuma dúvida havia, porém, sobre os motivos verdadeiros do que se estava passando. Ao longo de cinco arrastados meses, os países ocidentais procuraram negociar com os soviets um acordo. Primeiro, por intermédio da sua diplomacia; depois, enviando a Moscovo delegações de militares. Estas receberam, quando procuravam desempenhar-se da sua missão, a notícia da conclusão do pacto germano-soviético. Não puderam fazer mais nada do que retirar-se. Nem em Londres, nem em Paris se podia alegar ignorância da manobra que os alemães e os russos prosseguiram activamente desde a ocupação de Praga.

O embaixador francês em Berlim, Erik Couffondre, avisara categoricamente o seu governo, notificara-lhe, com informações autorizadas de individualidades alemãs, que nazis e comunistas, pondo de parte as suas preocupações e divergências ideológicas, estavam decididos a entender-se. Afirmary, em conclusão dum extenso relatório que elaborou sobre o assunto, que só a conclusão rápida das negociações em que a França e a Grã-Bretanha estavam empenhadas com os soviets poderia evitar a catástrofe. Em Londres e em Paris não o escutaram.

Mesmo para os menos entendidos, o anúncio do pacto germano-soviético era a declaração de guerra a curto prazo. O governo de Berlim tinha na mão um instrumento diplomático que lhe permitia aniquilar, com as suas forças armadas, a Polónia. Restava saber se os franceses e os ingleses, impossibilitados de auxiliar militarmente aquele país, dada a sua posição geográfica, se inclinariam perante o facto consumado, ou se preferiam correr os riscos duma conflagração europeia para honrarem os compromissos que tinham assumido com os dirigentes de Varsóvia.

A INGLATERRA NO PRIMEIRO PLANO

A resposta não se fez esperar. Durante os dias angustiosos que decorreram entre a comunicação sensacional feita pelas emissoras de Berlim e Moscovo e a entrada das tropas alemãs em território polaco (21 de Agosto a 1 de Setembro), a Inglaterra ocupou o primeiro plano da cena diplomática. Foi de Londres que partiram todas as iniciativas, em Londres que se tomaram todas as decisões. O governo de Paris limitou-se a apoiar essas iniciativas e a aplaudir essas decisões. Em Berlim era também a opinião do gabinete britânico que procuravam conhecer, esforçando-se por moderar o dinamismo que subitamente começou a revelar-se, mesmo nos meios conhecidos pela sua tendência para realizar uma política de conciliação com o Reich.

Logo que teve conhecimento da assinatura do pacto germano-soviético o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha dirigiu ao chanceler Hitler uma extensa mensagem pessoal em que esclarecia o ponto de vista e a posição do seu país, anunciando que qualquer tentativa alemã para reduzir a Polónia pela força obrigaria a Grã-Bretanha a entrar na luta: «Há quem pretenda que se, em 1914, o governo de Sua Magestade desse a conhecer mais cedo as suas intenções, seria possível evitar a guerra. Não sei se essa opinião é ou não justificada. Mas nas circunstâncias actuais, estamos decididos a não permitir que se crie uma mal entendido de consequências dramáticas. O governo britânico está decidido a agir imediatamente com todas as suas forças. Seria uma ilusão perniciosa acreditar que, se o conflito se iniciar, será possível

detê-lo mesmo que, em qualquer frente de batalha, um dos adversários consiga alguns êxitos parciais».

O governo britânico definia com clareza evidente o seu pensamento. Se a Alemanha atacasse a Polónia, a Inglaterra, e com ela a França, entraria na luta. Uma vez desencadeadas as hostilidades, nada faria deter o seu curso, até que um dos contendores alcançasse a vitória definitiva. Assim, Londres ia ao encontro duma iniciativa diplomática que estava na ordem natural dos acontecimentos que se preparavam. A Polónia violada seria submetida rapidamente. A Alemanha, tendo liquidado as suas divergências com aquele país e realizado pelas armas os seus objectivos, faria a demonstração prática de que a continuação da luta não tinha sentido. Os ingleses faziam-lhe saber que, em quaisquer circunstâncias, a luta continuaria.



QUANDO HAVIA AINDA ESPERANÇAS DE PAZ — No dia 1 de Março de 1939, durante uma recepção na chancelaria de Berlim, Hitler fala com o embaixador britânico Sir Neville Henderson. Toma parte na conversa o ministro do Reich, Schmidt.



UM VÔO HISTÓRICO: De regresso de Moscovo, on de foi assinar o pacto germano-soviético, Ribbentrop desce no aeródromo de Berlim.

O DIÁLOGO CHAMBERLAIN-HITLER

O embaixador britânico em Berlim, Sir Neville Henderson, foi encarregado de entregar ao chanceler a mensagem pessoal do Primeiro Ministro. O encontro entre o diplomata britânico e o chefe da nação alemã revestiu-se dum carácter dramático. Hitler afirmou ao seu interlocutor que a questão polaca estaria há muito resolvida se a Inglaterra não desse à Polónia o seu apoio. Referiu-se aos maus tratos que, segundo a sua versão, estavam a ser infligidos aos membros da minoria alemã residentes em território polaco e concluiu com uma declaração categórica: «Esta situação não pode prolongar-se. Se a guerra se desencadear, a Alemanha nada perderá com isso, enquanto a Grã-Bretanha perderá tudo. Não desejo a guerra, mas não a receio também. O meu povo está unido como um só homem e acompanha-me».

O embaixador objectou que as divergências entre o Reich e a Polónia eram de molde a permitir, e até a exigir, conversações demoradas que as acalmassem e solucionassem. «Enquanto a Inglaterra continuar a dar um cheque em branco aos polacos, declarou o Führer, não há possibilidade de conversações».

O embaixador esperou, em Salzburgo, onde fora entregá-la, que o chanceler desse uma resposta escrita à mensagem do Primeiro Ministro. O segundo encontro entre os dois homens decorreu mais sereno. O chanceler acentuou que era a Inglaterra que assumia a responsabilidade de desencadear uma luta de consequências imprevisíveis porque estava decidida a destruir, para sempre, a Alemanha. «Tenho agora cinquenta anos, acrescentou. Se fôr obrigado a fazer a guerra prelo fazê-la com esta idade a suportá-la mais tarde, quando tiver cinquenta e cinco ou sessenta anos».

Sir Neville Henderson replicou que a Inglaterra só desejava a prosperidade da Alemanha. Em abono desta afirmação, invocou toda a autoridade do Primeiro Ministro que, apesar da oposição suscitada, se encaminhara sempre no sentido de realizar uma paz duradoura entre os dois países. O chanceler argumentou que também chegara a acreditar na boa vontade de Chamberlain, mas que considerava essa ilusão dissipada. «Foi isso que me obrigou a concluir o pacto de amizade com a Rússia». No fim da conversa, os dois interlocutores estavam convencidos de que a guerra era inevitável. Só um milagre poderia salvar a paz.

A RESPOSTA DO CHANCELER

Que dizia, em substância, a resposta escrita que o chanceler do Reich entregou ao embaixador britânico para ser enviada a Londres? Os pontos essenciais desse documento podem resumir-se assim: A Alemanha nunca procurara entrar em conflito com a Inglaterra; tinha, porém, interesses definidos a cuja satisfação se não turvava. Entre esses interesses, contavam-se a existência da cidade livre de Danzig e do corredor polaco. Ele, chanceler, mostrara-se disposto a resolver o caso pelo método das negociações e formulando uma proposta «cujá magnanimidade não tinha precedente na história». Infelizmente, as garantias dadas pela Inglaterra à Polónia tinham sido interpretadas neste país como um incentivo à resistência. De aí a onda de terror que se levantara em toda a Polónia contra os alemães e contra as suas reivindicações. As atrocidades cometidas pelos polacos eram intoleráveis, e, perante elas, o Reich não permanecia como uma testemunha impassível ou manietada.

Na resposta do chanceler havia uma passagem

que não deixava dúvidas sobre a firme determinação da Alemanha: «Por mais duma vez declarei ao povo alemão e ao mundo que ninguém deve alimentar dúvidas quanto à decisão de aceitarmos e suportarmos, pelo prazo que fôr necessário, todos os sofrimentos e misérias, de preferência a sacrificarmos os nossos interesses nacionais ou a honra alemã».

A resposta aludia à possibilidade de serem adoptadas pela Inglaterra, e pela França, medidas militares de precaução para acentuar que qualquer mobilização decretada nesses países ficaria muito aquém daquilo que já existia na Alemanha, onde a população vivia, há muito tempo, em estado de permanente mobilização.

A concepção alemã repousava sobre as ideias do ministro dos Estrangeiros do Reich, Ribbentrop pensava que as duas nações burguesas e conservadoras, a França e a Inglaterra, sacrificariam, no último minuto, os seus interesses evidentes e até a honra nacional para salvaguardarem a sua tranquilidade e o seu bem-estar. Em Berlim, havia a convicção assente de que se tratava de países governados por instituições atrasadas, nos quais, um longo período de prosperidade destruiria toda a capacidade de resistência e anulava os sentimentos de brio colectivo.

UMA PROPOSTA DE ALIANÇA

Em Berlim não era lícito alimentar dúvidas quanto à decisão inglesa. Falando nos Comuns, em 24 de Agosto, o Primeiro Ministro recordou a evolução da questão polaca e aludiu às queixas do Reich a propósito de maus tratos infligidos a alemães, para acentuar que elas se pareciam singularmente com as que tinham servido de pretexto para se conseguir, por meios pacíficos, o desmembramento e por fim a anexação da Checoslováquia. O acôrdo ger-

mano-soviético em nada alterava a decisão da Grã-Bretanha. «A escolha entre a paz e a guerra, disse Chamberlain, não nos pertence a nós. Espero que aqueles sobre quem pesa essa responsabilidade pensarão em milhões de seres humanos cuja sorte depende dos seus actos».

No dia seguinte (25) o chanceler alemão convocou o embaixador da Grã-Bretanha. Depois dum preâmbulo breve, Hitler afirmou ao seu interlocutor que desejava dar, em relação aos ingleses, um passo decisivo. Depois de liquidadas as divergências com a Polónia, desejava concluir um entendimento definitivo com a Inglaterra. O chefe da nação alemã indicou as condições em que desejava concluir esse entendimento.

Aceitava a existência do Império britânico, com as suas fronteiras e condições de vida actuais, e estava mesmo disposto a garantir essas fronteiras e essas condições de vida pondo ao serviço da sua defesa, em caso de necessidade, a força alemã. Era, em resumo, uma proposta de aliança militar que fazia. Desejava que o embaixador fôsse pessoalmente a Londres dar conta do seu desejo, devendo trazer uma resposta rápida. O embaixador replicou que a proposta alemã não seria certamente tida em consideração desde que, previamente, o Führer se não responsabilizasse pela liquidação pacífica das suas divergências com a Polónia.

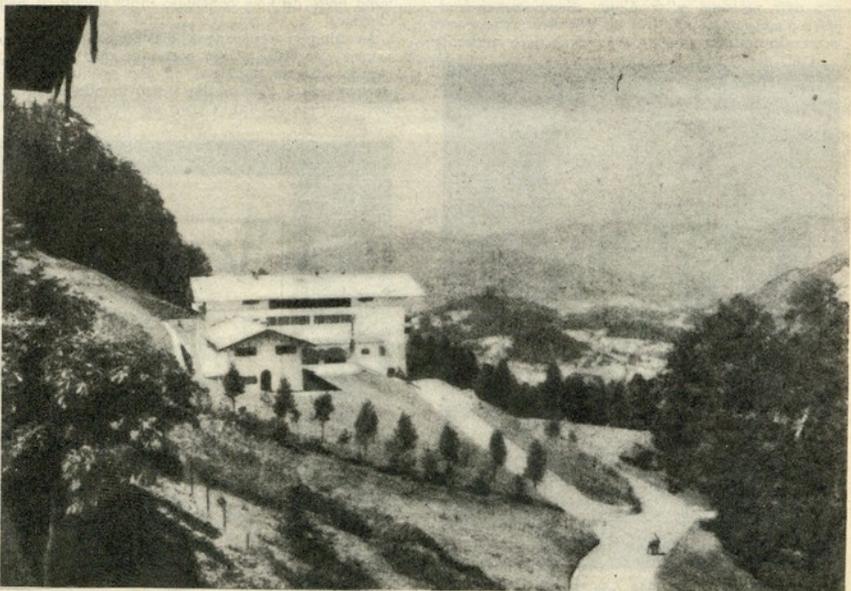
Sir Neville Henderson seguiu imediatamente de avião para Londres, de onde regressou no dia 28. A resposta do governo britânico era, conforme as suas previsões tinham dado a entender, uma recusa, desde que o Reich não demonstrava praticamente as suas intenções pacíficas, negociando com a Polónia de preferência a adoptar uma solução violenta. Na entrevista que teve com o embaixador, Hitler mostrou-se mais compreensivo, perguntando, no final, se a Grã-Bretanha, como prova da sua boa vontade, não estava disposta a ceder algumas colónias ao Reich.

A ATITUDE DA FRANÇA

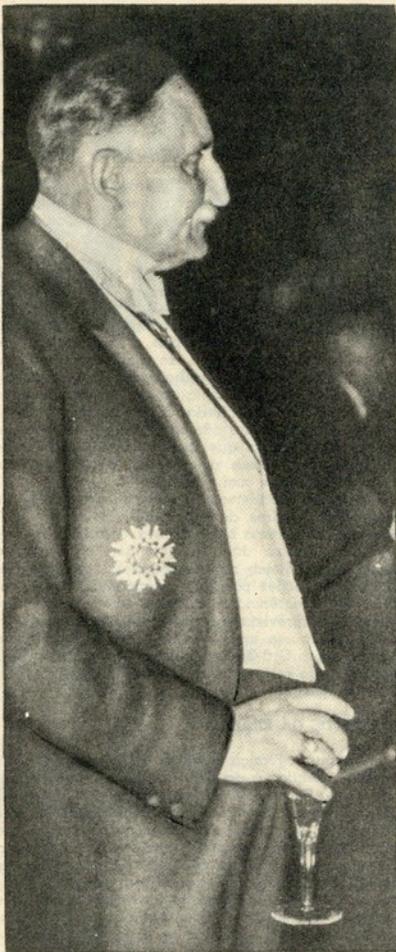
Entretanto a França marcava a sua posição, inteiramente idêntica à da Grã-Bretanha. O seu embaixador em Berlim, Coulondre, foi recebido, em 25, pelo chanceler. As suas informações diziam-lhe que a invasão da Polónia estava marcada para o dia seguinte. Indo ao encontro dessa possibilidade, Coulondre quis ter com o Führer uma última entrevista. Recebido no palácio da chancelaria, afirmou a Hitler que a França e a Inglaterra se bateriam caso êle insistisse em liquidar, pela força, o caso polaco. «Dou-lhe a minha palavra de honra de soldado — concluiu o embaixador — de que uma agressão contra a Polónia iniciará a conflagração europeia».

Hitler pareceu impressionado pela decisão do diplomata francês. Pediu a Coulondre para transmitir ao chefe do governo, Daladier, uma declaração em que lhe fazia saber que não toleraria por mais tempo a situação criada aos alemães residentes na Polónia. Concluiu por lamentar que um caso que não dizia respeito à França pudesse, mais uma vez na história, fazer correr o sangue francês e o sangue alemão, quando os dois povos tinham o mesmo interesse em manter a paz.

A resposta de Daladier foi um documento escrito intencionalmente para definir responsabilidades. «Como chefe do governo francês que deseja ver a harmonia reinar entre os povos, não posso esquecer



A CASA DO CHANCELER ALEMÃO em Berghof, nas montanhas de Salzburgo, onde se realizaram muitas entrevistas importantes.



Dr. Kaushofer, autor da teoria alemã do «espaço vital».

que o meu país está ligado à Polónia por laços de amizade e pelos compromissos que assumiu. Estou pronto a fazer todos os esforços para que as divergências entre a Polónia e o Reich sejam liquidadas por um acordo.

A França, como a Inglaterra, não desejavam ver repetidos os precedentes da Austria e da Checoslováquia. Por isso, categoricamente faziam saber em Berlim que, colocados perante o facto consumado duma violação das fronteiras polacas, mobilizariam as suas forças e os seus recursos para uma guerra que, segundo todas as probabilidades, seria demorada e mortífera. A resposta de Daladier terminava com uma profecia melancólica: «Se o sangue francês e o sangue alemão tiverem de correr, ainda uma vez, cada um dos nossos povos combaterá confiante



EM DEZEMBRO DE 1938, em Paris, durante as conversações que se seguiram ao pacto de Munique, Daladier fala com Ribbentrop.

na sua própria vitória. O mais certo é, porém, que no fim, vençam a barbarie e a devastação». Numa das suas entrevistas com o embaixador britânico, o chanceler do Reich, por seu lado afirmava: «Se nos batermos, só haverá um vencedor: o Japão».

ULTIMOS ESFORÇOS MALOGRADOS

Nas negociações em curso, o que a França e a Inglaterra pretendiam saber era se, perante a sua firmeza, o Reich estava disposto a negociar sobre a questão polaca ou se, dadas as providências militares que estava adoptando, acabaria por preferir uma intervenção armada. A resposta veio, categorica, em 29 de Agosto, numa nota entregue ao embaixador da Grã-Bretanha.

O governo alemão pedia a entrega de Dantzig e do corredor polaco. Era esta a base irremissível de qualquer diligência a empreender. Embora em Berlim se mostrassem cépticos quanto à boa vontade de Varsóvia, não queriam assumir a responsabilidade de cortar as pontes. O Reich aceitava os bons ofícios de Londres para que fosse enviado a Berlim um enviado polaco com plenos poderes. Esse enviado, que no pensamento dos dirigentes alemães devia ser o coronel Beck, havia de estar em Berlim no prazo máximo de 24 horas. Esta concessão abria uma tênue clareira de esperança que em Paris e em Londres não deixaram de utilizar. Aos embaixadores francês e inglês em Varsóvia foram dadas instruções para agir junto do governo polaco no sentido desejado pelos alemães.

Estava a Polónia disposta a mandar a Berlim o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, depois dos incidentes ocorridos, em circunstâncias idênticas, com o chanceler austriaco, Schuschnigg, e com o chefe do governo checo, Hascha? Entre as capitais interessadas, o telégrafo trabalhou incansavelmente durante a noite de 29 e o dia de 30. Mas em todas elas se reconhecia a impossibilidade material de fazer chegar, num prazo tão curto, um enviado especial da Polónia que havia de levar consigo instruções definitivas, as quais precisavam ser assentes numa reunião do conselho de ministros polaco.

A diplomacia franco-britânica julgou que podia remediar este inconveniente substituindo-se o coronel Beck pelo embaixador polaco acreditado em Berlim, Lipski. O governo alemão comprometera-se com o embaixador Henderson a comunicar a Londres as suas propostas definitivas para que o gabinete britânico estivesse em condições de aconselhar a sua aceitação a Varsóvia. Em Londres esperavam que se verificassem as duas condições: que fossem comunicadas as propostas alemãs, antes de se tomar qualquer decisão irrevogável, e que o ministro dos Estrangeiros do Reich se mostrasse disposto a entabular negociações com o embaixador polaco.

Nenhuma delas se verificou. O embaixador Lipski foi recebido pelo ministro Ribbentrop, mas não chegaram sequer a iniciar qualquer convenção sobre o assunto que provocara o encontro. No dia 30, à noite, o ministro dos Estrangeiros do Reich chamou o embaixador britânico. Leu-lhe um extenso documento, escrito em língua alemã, no qual apareciam enumeradas as condições que o Reich desejava ver satisfeitas. Dada a rapidez com que a leitura foi feita, o embaixador pediu uma cópia do documento. «É demasiado tarde para isso — replicou Ribbentrop. Como o representante da Polónia, munido de plenos poderes, não chegou a Berlim até à meia noite de hoje considero inútil iniciar as negociações».

As últimas esperanças dissipavam-se. O Reich estava decidida a não consentir que o incidente polaco sofresse delongas na sua resolução. Considerava que o governo de Varsóvia não mostrara a boa vontade esperada para se alcançar uma solu-



A ASSINATURA DO PACTO ENTRE A ALEMANHA E A RUSSIA — Na foto, vêem-se Molotov e Ribbentrop.

ção pacífica. Embora convencido de que a França e a Inglaterra interviriam no pleito, preferia arriscar a sorte das armas com todas as suas consequências.

NO PRÓXIMO NÚMERO :

II Capítulo — A campanha da Polónia
1 — Quando soaram os primeiros tiros



DEPOIS DA ASSINATURA do pacto de não-agressão germano-soviético, Estaline e Ribbentrop apertam cordialmente a mão.

VIDA MUNDIAL

DOCUMENTÁRIO SEMANAL
DA IMPRENSA DE TODO
O MUNDO

OS MELHORES ARTIGOS DOS MELHORES JORNAIS

A MAIOR VENDA DE TODOS
OS SEMANÁRIOS PORTUGUESES

AS CAUSAS DA RENÚNCIA

do presidente TEIXEIRA GOMES

Uma entrevista com o antigo chefe do governo

Engenheiro Antonio Maria da Silva

+POR AL. SANTOS+

A história dos acontecimentos políticos anteriores a 1926, que muita gente erradamente supõe conhecer ou julga concluída, está, não obstante o enxame sempre crescente dos nossos historiadores e eruditos, resguardada em matéria desta natureza, restringida a pequenos e iníquos espécimes de monografias locais e adulterada.

«A verdade histórica» tal qual como a sua definição se apresenta, deve ser religiosamente respeitada como elemento precioso e repositório fiel de todos os acontecimentos que estejam ligados à história íntima dos povos.

A alteração de um acontecimento histórico ou a indecisão do investigador na classificação dos factos ou do indivíduo é grave e envolve uma alta responsabilidade, quer de ordem jurídica, quer de ordem moral. A reconstrução dos acontecimentos históricos predominantes, que antecederam a jornada de 28 de Maio, com exclusão das dissidências que intensamente predominavam em todos os sectores da nossa actividade política, social e económica, está bem longe de corresponder à realidade.

Por vezes, em certas obras improvisadas, nossas conhecidas, a análise fria e serena do julgador desaparece inopinadamente, e surgem, em ímpetos de paixão e violência, a acusação pessoal e as objuratórias.

Então, em face do todo exterior do autor, o leitor dispensa a continuação da leitura porque ficou, inesperadamente, a conhecer o conteúdo da obra.

Vinte e alguns anos após a renúncia de Teixeira Gomes à magistratura da Nação, ainda subsiste a lenda de que tal facto foi devido a: «Questão dos Tabacos», como ainda recentemente o afirmou, em entrevista concedida à «Vida Mundial Ilustrada», Viana de Carvalho, antigo secretário do extinto presidente da República e que foi também seu amigo íntimo. Estas e outras afirmações de ordem política, estavam prestes a passar à posteridade se, forçados pela circunstância profissional, o jornalista não procurasse estudá-las devidamente junto de quem tinha especial autoridade política para o fazer.

E foi assim, com este desígnio, que há dias tomámos o automóvel que nos transportou até à Avenida da Praia da Vitória, onde está instalada a residência do antigo presidente do Ministério, sr. engenheiro António Maria da Silva. A nossa chegada coincidia com a saída do ex-«leader» do antigo Partido Republicano Português, que lesto tentou eximir-se à nossa entrevista. Porém, a nossa insistência conseguiu demonstrar-lhe do seu primeiro propósito.

Acomodados, em amplos «fauteuils» de permuto entre duas cabeças gentis e emolduradas, que reproduzem os seus netos queridos, preparamo-nos então para ouvir alguns dos factos ainda inéditos da história da República, pela boca de um dos homens que foi, tempos atrás, um das suas figuras mais em evidência.

A nossa primeira pergunta incidiu sobre a «Questão dos Tabacos», um caso que ficou célebre e provocou, na época, dadas as circunstâncias espe-

ciais de que se revestiu, grande celeuma. O sr. eng. António Maria da Silva, que se insurgira contra a falta de rigor histórico com que o sr. Viana de Carvalho tinha reproduzido os factos, declarou-nos:

— «A questão dos Tabacos», independentemente do «Angola e Metrópole» — outra causa célebre nos annos do tempo — envolvia o equilíbrio orçamental, que eu fiz esforços inauditos para realzar, passou-se já com Bernardino Machado na presidência da República, e só não foi possível pela intervenção de Cunha Leal — um homem estranho — que depois de ter apresentado uma moção da sua autoria ao Parlamento, instigou os esquerdistas a combatê-la, iniciando, de convívio com o dr. José Domingos dos Santos, o famoso «batuque», quando se ia proceder à votação. Os factos passaram-se assim, mas não é a mim que compete julgá-los e demais a época não é para isso propícia.

E proseguindo:

— Pertenco à chamada geração de 90 e orgulho-me de ter pertencido a essa pleiade de homens ilustres dos fins do século XIX. Foi por esse tempo — como ninguém o ignora — que as ideias republicanas introduzidas em Portugal, se acentuaram mais e criaram maior atmosfera, fundando-se as três célebres Academias com sede em Lisboa, Coimbra e Porto, respectivamente dirigidas pelos srs. dr. Hígino de Sousa, Reis Santos e Silvestre Falcão, este último e Estêvão de Vasconcelos mais tarde autores da lei das 8 horas de trabalho. Mas como os senhores me dispensam de fazer a história da República, que eu reservo para os meus dois livros, em que trabalho, e a que dei o título genérico — «O meu depoimento» — vou proseguir fazendo os possíveis para não me desviar da trajectória indicada, não obstante estes acontecimentos serem totalmente uniformes.

«Conheci Teixeira Gomes por intermédio do dr. Brito Camacho, que me o apresentou, estabelecendo-se, desde logo, entre nós, a mais completa cordialidade.

«Esses vínculos vieram a acentuar-se mais quando, na qualidade de delegado plenipotenciário, me desloquei a Londres para assistir à 2.ª conferência Rádio-Telegráfica, em 1912.

«Al tive o ensejo de conhecer melhor o extinto presidente da República, a quem Teófilo Braga collocara em Londres à frente da nossa legação, devido à sua intimidade com a alta aristocracia inglesa e ao seu prestígio como homem de letras e «gentleman».

«A legação portuguesa, que oferecia, ao tempo, um aspecto desolador e se encontrava desprovida de tudo quanto era necessário, transformou-a êle num museu.

— Mas afirma-se — acrescentamos — que a nossa intervenção na Grande Guerra teve nêlo o seu mais directo colaborador...

— Rigorosamente, isso não corresponde à verdade, mas se quiser anotar êsse pormenor dir-lhe-ei que a acção de Teixeira Gomes junto do governo inglês e momento do secretário do «Foreign Office», de quem era amigo dilecto, foi notável e prudente, dado o descrédito da nossa política interna e a hostilidade da opposição, chefiada por Brito Camacho.

«Como vê, estes acontecimentos estão tão ligados entre si, que a omissão de qualquer pormenor influe na veracidade das minhas palavras e pode originar malquerenças.

«Entretimes, aproximava-se o período final da magistratura de António José de Almeida e eu, que tivera já oportunidade de admirar a sagacidade e o brilhantismo de Teixeira Gomes, sugeri aos chefes dos diversos partidos a sua candidatura.

— Mas não havia um outro pretendente?

— De facto, o dr. Duarte Leite, que desempenhara o lugar de nosso embaixador no Brasil, fôra também indicado como possível candidato, mas os componentes do seu próprio partido apodavam-no de autocrata; ficando tacitamente assente a candidatura de Teixeira Gomes. Estávamos em 1923 e

próximo do XIII aniversário da República.

«O governo inglês, querendo associar-se às festas da implantação da República, determinou que dois cruzadores viessem a Portugal representar a Grã-Bretanha.

— Mas não foi num desses cruzadores que Teixeira Gomes fêz a viagem para Portugal?

— Isso é também uma lenda!... Teixeira Gomes, que accedera ao nosso convite e o transmitira pessoalmente ao governo inglês, foi convidado por aquele a fazer a viagem a bordo de um dos cruzadores que vinham — como já disse — com rumo a Portugal.

— Mas — objectamos nós — depois da ascensão de Teixeira Gomes à presidência da República, V. Ex.ª não apresentou a demissão do seu ministério?

— Não!... Como vê até nesse facto a verdade foi adulterada!

«O que fiz foi sugerir-lhe a minha demissão — o que é diferente — durante um almoço por êle oferecido aos seus amigos íntimos.

«Teixeira Gomes não aceitou e insistiu para que eu continuasse na chefia do ministério — e olhe se lhe aprouver posso quasi reproduzir textualmente as suas palavras de então: — «Você collocou-me numa situação difícil, porque as diligências de Afonso Costa para formar governo estão — como deve prever — de antemão goradas».

— E tudo aconteceu como o Presidente previra?

— Absolutamente.

E o sr. eng. António Maria da Silva concretiza:

— Afonso Costa, na impossibilidade de formar gabinete e obter colaboradores, dispôs-se, no entanto, a entrar no ministério, sobraçando a pasta das Finanças, desde que o governo fôsse chefiado por Bernardo de Faria. Mas o general não acedeu, apesar da insistência de António José de Almeida. Por êste facto verifica-se — como vê — que Teixeira Gomes não firmara compromisso algum com Afonso Costa.

(Continua na pag. 12)



O SR. ENG.º ANTÓNIO MARIA DA SILVA entrevistado para a «Vida Mundial Ilustrada».

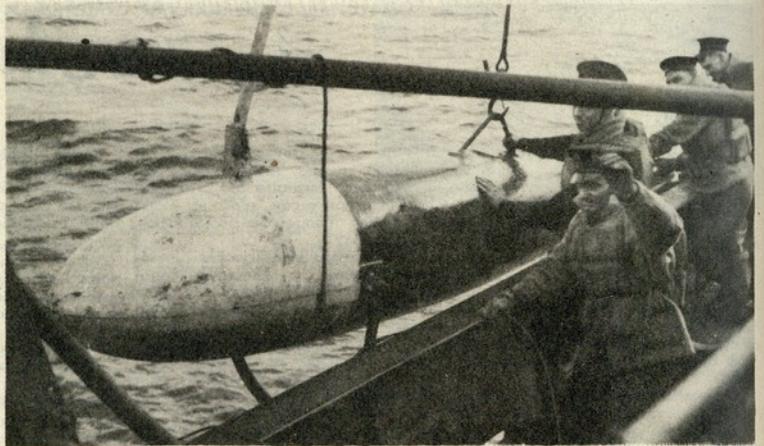
Como se caçam minas!



1 — Logo no início da guerra, foram mobilizados 700 pequenos barcos de pesca para a caça às minas que, entre todos os serviços que a marinha inglesa desempenha, se pode considerar o mais perigoso e mais monótono.



2 — Nesse serviço, empregam-se antigos pescadores. Anagamente os caçadores de minas trabalhavam aos pares, ligados por um cabo-serra que fazia vir as minas à superfície.



3 — Agora, cada barco vai munido de um «Oro pesa», que é um flutuador em forma de torpedo, ligado ao caça-minas por um cabo-serra. Com o andamento, os «oropesas» conservam-se numa trajetória paralela com o barco, esticando o cabo que, assim, apanha as minas que encontrar, cortando-lhes o cabo de amarração.



4 — Às vezes, no entanto, este dispositivo não consegue cortar a amarra e a mina fica presa ao «oropesa», numa proximidade perigosa do caça-minas. Outras vezes, rebenta de encontro ao cabo, ou mesmo de encontro ao costado do barco — mas isso são contingências do ofício.

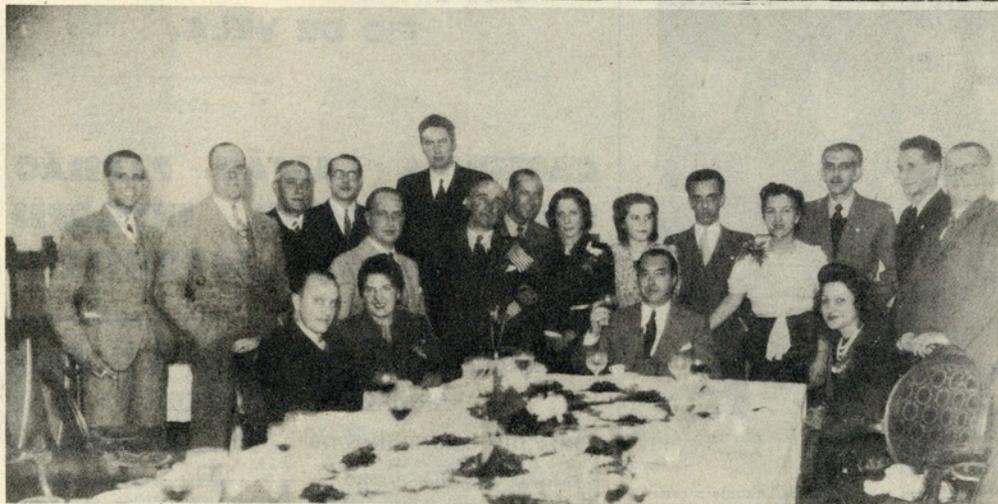
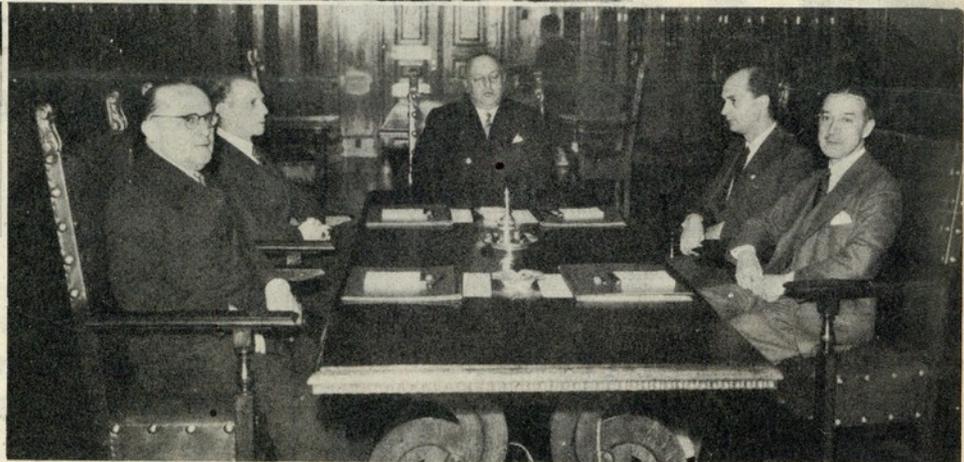


5 — Uma vez a mina solta da sua amarra e a flutuar, começa a parte desportiva para a fazer rebentar, a tiro de espingarda ou por meio de rajadas de metralhadora, o que nem sempre é tão fácil como parece à primeira vista. (Fotos «Britanovva»)

Acontecimentos
da
SEMANA



DE CIMA PARA BAIXO: Um aspecto da sessão comemorativa das «bodas de prata» dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique, que tantos serviços têm prestado à cidade; um dos banquetes com que se solenizou o 5.º aniversário da fundação da «Legião Portuguesa»; e a posse, no Palácio da Assembleia Nacional, da comissão luso-brasileira para o tratado comercial entre os dois países.



ALMÔÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO dos directores e do pessoal da General Motors Overseas Corporation.



O MINISTRO DA INGLATERRA, BALFOUR, com sua esposa e o rev. dr. Crowley, na sua visita ao Pôrto Brandão, vendo as crianças entretidas em jogos educativos.



ASPECTO DAS COMEMORAÇÕES do aniversário do Armistício no Pôrto, junto ao monumento aos mortos da Grande Guerra.



O TERNO DE CLARINS do Corpo de Marinheiros, nos Jerónimos, durante a cerimónia de evocação do Infante de Sagres.



PAPEIS EM TODOS OS GENEROS E PARA TODAS AS APLICAÇÕES

IMPRESSÃO // COUCHÉS
PLUMA // EDIÇÕES // JORNAL
PAPEIS DE EMBALAGEM
SACOS DE PAPEL
FIO DE VELA

CARTOLINA // CARTÃO // PAPELÃO
LIVROS COMERCIAIS // ENVELOPES
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

AMADOR A. DOMINGUEZ & C.^a (FILHO)

ARMAZEM DE PAPEIS

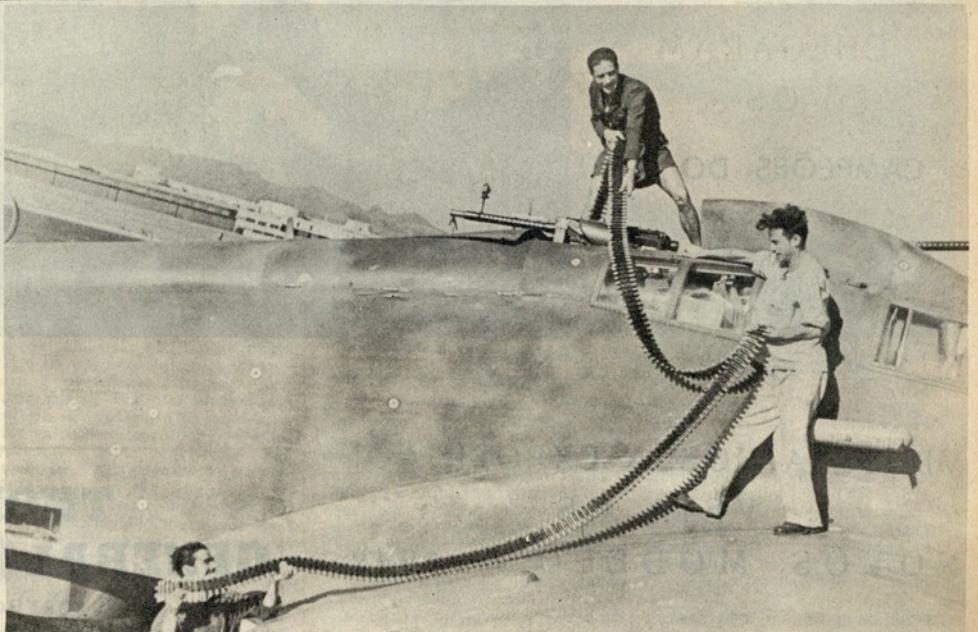
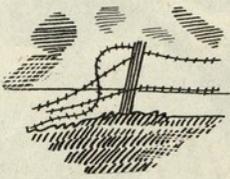
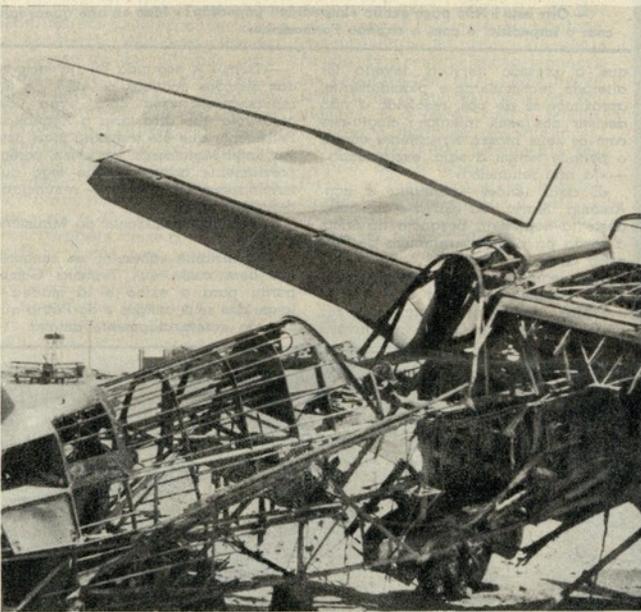
RUA DOS CORREIROS, 70

LISBOA

Endereço Telefónico: PAPIRO

Telefone 25854

Imagens da **ITALIA** na guerra



ASPECTOS DA ACÇÃO DAS TROPAS ITALIANAS NA GUERRA — De cima para baixo: Ataque a uma posição inimiga na frente de Tobruk; avião inimigo abatido nas linhas de combate; elementos das divisões coraçadas na África do Norte; o munição das metralhadoras dum bombardeiro italiano que vai partir.

As verdadeiras causas da renúncia de TEIXEIRA GOMES (cont. da pag. 11)

—Mas, verdadeiramente, a que se pode atribuir a renúncia de Teixeira Gomes à Presidência da República visto que, como V. Ex.ª afirmou, a versão apresentada pelo sr. Viana de Carvalho não correspondia à verdade?

—Preferia não evocar essas reminiscências que considero ligadas à história da minha vida íntima e à ternura em que me envolve a lembrança do Presidente Teixeira Gomes; porém, como você insiste, é justo que eu responda com sinceridade.

—O caso é desconhecido de todos os portugueses e dos sobreviventes dessas lutas longínquas; só eu e Vitorino Guimarães conhecemos as verdadeiras causas da sua renúncia. Mas antes de entrarmos nesse capítulo, dir-lhe-ei que Teixeira Gomes era um homem cuja mentalidade crescera e se desenvolvera no seio saxónico e que ele assimilara — era um homem intuitivo, tal qual como os ingleses, e com um profundo horror pela lógica.

—Viveu, por acaso, V. Ex.ª em Inglaterra?

—Não; mas, quando da Grande Guerra as relações entre ingleses e franceses eram de molde a temer-se pela falta de confiança, quasi reciproca, tive oportunidade de assistir a uma conferência proferida por Wickham Dreed, director politico internacional do «Times», que expressamente se deslocara a Paris para esse fim, a convite da Associação «Foié Vies». O conferente, perante o espanto da assistência, gente culta, fez declarações de psicologia assombrosas; dizendo, a propósito da mentalidade inglesa, que é peculiar em toda a Grã-Bretanha mais ou menos isto: «O inglês é um homem de intenção — a lógica do raciocínio é um caso inexistente para ele... Um raciocínio mais forte do que

a razão lhe ensina que a própria vida é ilógica».

«Como vê, do confronto que estabeleci, não errei — Teixeira Gomes era de facto uma alta figura latina com cérebro nórdico...

—Mas a renúncia... — insistimos. O nosso entrevistado sorriu, com certa melancolia e, pausadamente, esclarece-nos:

—Um dia fui surpreendido por Vitorino Guimarães que me veio procurar para me dizer que Teixeira Gomes ia enviar a renúncia para o Parlamento. «Fiquei horrorizado! Era a República que se desmoronava!

«Um grupo de parlamentares, escolhidos entre elementos de todas as facções políticas, foi a Belém com o intuito de o dissuadir a resignar. Teixeira Gomes, depois de os receber, chamou-me bruscamente ao seu gabinete de trabalho. Confesso que estranhei tal atitude, num «gentleman» como era Teixeira Gomes. Pediu-me novamente licença para se retirar e enquanto eu meditava naquilo tudo e os parlamentares, que estavam exarcebados, barafustavam, Teixeira Gomes voltou, acompanhado pelo dr. José Domingues dos Santos. E perante a minha expectativa, insistiu para que eu e ele fizéssemos as pazes. Porém, ambos nos mantivemos firmes. E assim nos quedámos até que Teixeira Gomes, na impossibilidade de conjugar os seus esforços e vencer a minha relutância, voltou: — Se a tal não acederem, renuncio!»

—E qual foi a atitude de V. Ex.ª em face de tão dramático dilema?

—Respondi que tal acto de concordância da minha parte nada contribuía para resolver a questão política, que era, indubitavelmente, a questão nacional! Teixeira Gomes, depois de escutar atentamente as minhas palavras,



— Ora esta! Não ouço senão «Impedido! Impedido!», Mas eu não quero falar com o impedido, é com o capitão Formosinho.

que a pressão nervosa deveria ter alterado, reconsiderou e, placidamente, aproximou-se de nós, resolvido a não desistir dos seus intentos: cingiu-nos com os seus braços ternamente contra o peito e voltou à sala, exclamando: — «Já não renuncio!»

«E aqui tendes — continua o eng. António Maria da Silva — ao cabo deste já soporífero bosquejo histórico, a razão da primeira renúncia de Teixeira Gomes.

Surpreendidos com semelhante revelação, voltámos a insistir:

—Mas, finalmente, quantas vezes pretendeu Teixeira Gomes renunciar?

—Duas: A segunda foi na véspera das eleições políticas de 1925. Se ele renunciasse, nessa data, seria uma catástrofe que arrastaria a República. Felizmente que ele transigiu mais uma vez, inteligentemente, tendo-me, porém, previamente advertido que logo que terminassem as eleições — renunciaria definitivamente!

E o antigo presidente do Ministério concluiu:

—O restante sabem-no os senhores tão bem como eu: Teixeira Gomes partiu para o exílio e lá morreu — longe dos seus amigos e da Pátria que ele tão enternecidamente amava.



RÁDIO
CHEGARAM
OS
CAMPEÕES DO AR



VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO!
VEJA OS
NOVOS MODELOS — 1942

THOMSON
GENERAL ELECTRIC

PORTUGUESA, L.^{da}

Rua do Norte, 5 — LISBOA Telefones 28135-28136

Vida
MUNDIAL
da Rádio

MANOBRAS DE INVERNO

por Francisco Velloso (continuação da pag. 4)

gada à Polónia, repetia uma revelação do primeiro ministro britânico: «A produção de aviões da América e da Grã-Bretanha já é igual à da Alemanha e dos países sob o seu domínio. Daqui a um ano essa produção americana e inglesa será três vezes superior à alemã.»

Mas a verdade é que se a Lei de Neutralidade ficara profundamente ferida na última votação, as barreiras ainda estavam levantadas e a esquerda em acção, e o paradoxo permanecia. Da mobilização moral não se passara ainda à da produção. Fora este no entanto o desafio americano à Alemanha que Hitler levantou da arena, de repelão, em Munique. E a produção é a vitória.

A resistência russa absorvera disponibilidades inglesas que o trabalho norte-americano (25 canhões por mês!) não supriu nem substituiu. Portanto — produzir.

A invasão da Rússia absorveu disponibilidades materiais do exército do Reich. Portanto — produzir. É a guerra das oficinas, antecedendo a guerra da primavera...

De Gaulle, tomando pêsos aos prós e contras da situação, sollara no dia 6, em Londres, no almôço da imprensa estrangeira, estas palavras que, vindas d'ele, têm subida autoridade: «A maré da vitória está a virar, mas o preço dela continua a ser o de um esforço gigantesco comprado caro com a única moeda de valor para ganhar esta guerra mecânica: uma esmagadora força mecanizada.»

O presidente Roosevelt, sentindo-se chegado ao ser ou não ser dirigiu uma carta quasi urgente ao Congresso, alijando responsabilidades em casos de demora ou rejeição das emendas à Lei famosa. E o Congresso aprovou-as por uma maioria de 18 votos. A guerra deram um salto para a frente.

GESTOS FRENÉTICOS



ISMET INÖNÜ

um navio japonês que esbarrara em mina a flutuar na costa da Coreia, alargando assim a zona de pressões com que procura render o bloco aliado a fornecer-lhe matérias primas, e reforçando o ambiente das propostas que se dizem apresentadas a Washington. O enviado Kurusu já partira para a capital americana. Naquele documento, o fulcro das reivindicações era a cessação do que enfimisticamente o *Japan Times* denomina «o incidente da China».

Na Casa Branca contravinha-se às pretensões japonesas invocando-se o Pacto das Nove Potências e declarando-se que o auxílio à China continuará e aumentará. Tojo, no dia 7, adiantava-se a reclamar a esfera de influência na Ásia Oriental, mas no mesmo dia o informador oficial do ministério vinha esclarecer que Kurusu ia apoiar os esforços de Namura em Washington para «se chegar a uma conclusão satisfatória nas relações nipo-americanas». O equilíbrio continuava a ser a estratégia diplomática japonesa. Entre as suas osci-

lações pendulares surdiu a notícia da chegada de reforços poderosos para as divisões desembarcadas na Indochina, onde o general Decoux mandava fuzilar protestatários seus compatriotas e o embaixador Yoshisawa, no dia 9 saudava em mensagem «uma política de confiança recíproca», — e com tais termos que deram azo a que logo depois, a 11, de Xung-King, sede oficial do governo nacional chinês, se anunciasse (o que não é impossível até com o franco apoio de uma pressão de Berlim sobre as transigências de Vichy) uma aliança ou pacto entre Toquio e Hanoi: para o primeiro ocupar a antiga colónia francesa com meio milhão de homens. E algo deveria haver, porque nesse mesmo dia como cauteloso o porta-voz de Chan Kai-Chek declarava ter-se chegado a acôrdo entre a América, a Grã-Bretanha e a China para o caso de haver qualquer movimento da parte do Japão e que as três potências tinham concordado na natureza e no significado da próxima acção japonesa ao encontro da qual cada nação faria tudo o que estivesse ao seu alcance. E o pacto veio a tempo. Quando o ministro das Finanças, Katma, disse nesse mesmo dia, em Tóquio, que o desejo do Japão é forçar a Inglaterra e os Estados Unidos a abandonarem a Ásia, — já no texto daquele acôrdo se formulava a réplica de bargagem à sua audaciosa avançada.

SOB A NEVE E O VENTO



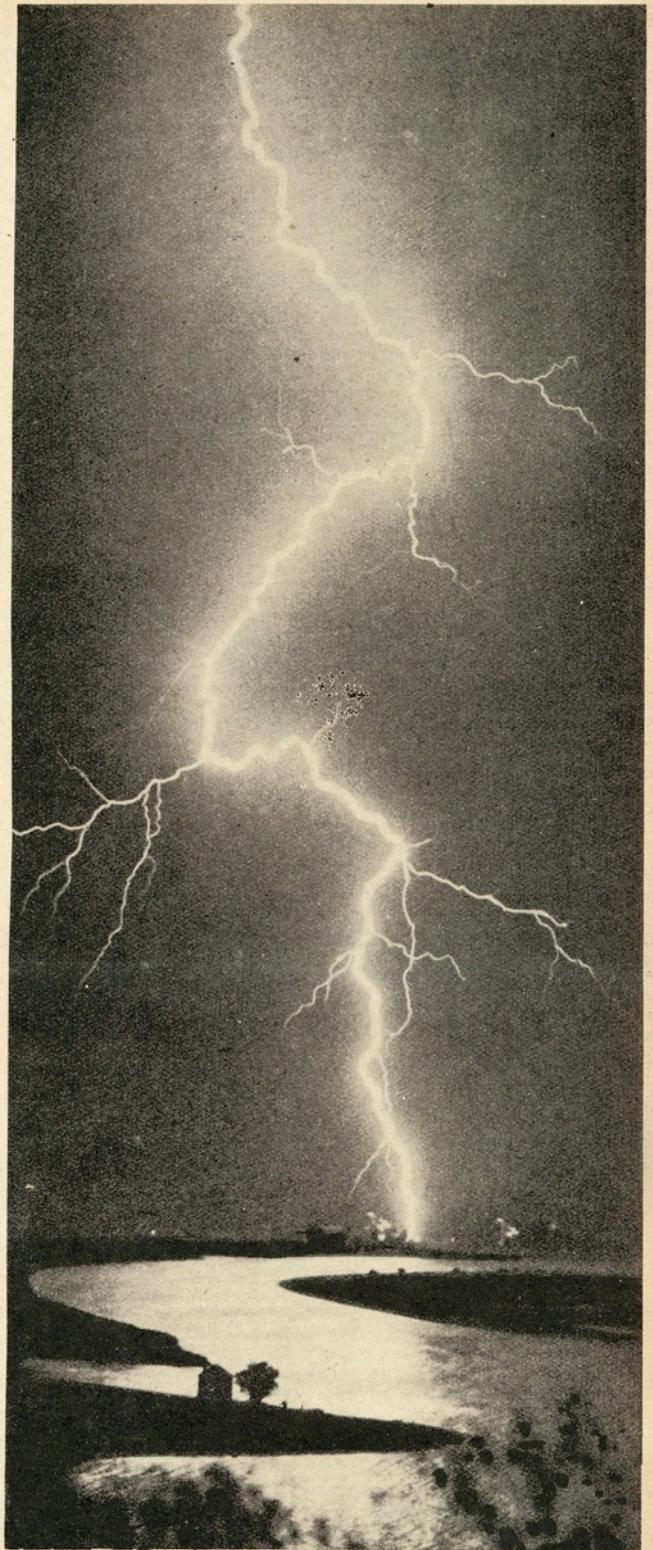
WAVELL

barraram-se diante de Leninegrado, Moscovo e Rostov e na estreita lingua de terra que por Kertch dá comunicação da Crimeia para o istmo caucásico. Wavel, o omnipresente chefe que a Inglaterra teve a sorte de encontrar no Oriente, ganhou tempo ao lado de Timochenco. Os exércitos não se alampam intouridos debaixo dos neves, mas as operações raspam no solo como rodados desprendidos do chão ou hélices saltando a girar fora de água.

E o problema do auxílio à Rússia desopri-me-se de urgências sufocantes. Dêle faz parte a combinada intervenção que os Estados Unidos empregaram em Helsinquia para sustar a ofensiva finlandesa nos presumidos limites das fronteiras de 1939, e roubar o braço do norte até Murmansk, à larga tenaz alemã. Em Londres, a 7, chegou a crer-se em tal, confiando numa parte da opinião finlandesa. Esperava o presidente Riti uma proposta russa? Ela não chegou durante a sua viagem à Grécia. A 10, avisava-se de Estocolmo que a intervenção norte-americana não produzira coisa alguma, e na resposta que dois dias depois o ministro norte-americano recebeu em Helsinquia, transformava-se a condição de reconquista das antigas fronteiras para a paz, na do estabelecimento de garantias de segurança geral contra eventual agressão moscovita como a de 39, durante a qual a Rússia teve o apoio tresdobrado de Berlim, da neutra-

Assim começam a silvar na situação internacional neste momento as rajadas inverniais da guerra.

Através dos comunicados dos quartéis gerais, a campanha da Rússia, os grandes choques es-



EFEITOS MARAVILHOSOS DUMA TROVOADA NO LITORAL

lidade dos Estados Escandinavos (que logo depois a pagaram por bom preço, com era inevitável) e dos próprios Estados Unidos que se cifraram em protestos verbais. Quando o ministro finlandês, Procope, em Washington, perguntava em Agosto a Sumner Welles se tinha a apresentar-lhe propostas russas de paz, este último mostrou-lhe as mãos vazias. A intervenção norte-americana fizera-se, mais uma vez, com palavras. Diplomacia de bolas de sabão.

não chegam à Finlândia porque a Suécia não dá passagem — hoje como ontem — todas as promessas como todas as ameaças são vãs, e o alemão pôde salvar ainda as posições e o aliado.

Assim começou o inverno... E nas comemorações do Armistício poderiam este ano repetir-se simbolicamente os versos tristes de Becquer:

— *Dios mio! que solos se quedan los muertos!*...

E como a Inglaterra e a América



— Ó avôzinho! O que quere dizer aquele cão que vejo em toda a parte a olhar para dentro dum gramofone antigo?
 — Aquele cão, Zézé, representa a melhor marca de aparelhos de rádio de todo o Mundo!

CASTIGO *Novela de Helena de Aragão*

J

OAÓ! João! Não mintas! Não mintas mais! Prefiro saber a verdade, por mais cruel que seja! Se já não me tens amor, se amas a «outra», dize... Acaba-se tudo... É melhor assim!

sua mulher e o seu filho, eram-lhe docemente queridos, indispensáveis na vida — aqueciam-lhe suave e confortadoramente o coração. Amava-os.

Estranha complexidade do coração humano!

Hesitou ainda...

Mas já ela, num receio brusco, se lhe escapava dos braços a repeli-lo horrozzada, a traduzir-lhe a tibieza por confissão.

Ele compreendeu que soava o momento decisivo. Pareceu-lhe que se fazia noite em redor, que o seu lar tão claro e risonho, desmoronava fragorosamente.

— Não juras!... Compreendo!... Não é preciso mais!

No peito de João entrou o frio mortal; desviou os olhos dos do filho que o fitavam singularmente insistentes... E cedeu ao inevitável...

Foi covarde... Avançou, de vagar, a mão trémula, estendeu-a sobre a loira fronte que se baixou tristemente, cerrou as pálpebras... E jurou.

Como se lhe caísse orvalho bendito no coração esbrazeado, Maria sentiu repentinamente extintas as labaredas que lho devoravam. Subiu-lhe aos olhos a onda solta das lágrimas consoladoras, uniu as mãos em prece grata. E se não viu mais viva e brilhante a luz da vida, mais radioso e criador o sol da existência, foi porque, num soluçar brandinho, as pálpebras lhe desceram sobre as pupilas, a unirem-se para que os cílios se abraçassem.

Que luta ele então sustentou consigo próprio para abafar a voz da consciência quando, de joelhos a seus pés, humilde, constricta, ela lhe implorava perdão e, um pouco distante, o pequeno Jaques — o seu filho... — voltava a face, estranhamente grave, estranhamente reprovativa...

* * *

— ... E tu juraste!...

— ... Jurei!...

Como apertou os lábios e refreou um ímpeto irritado. Colheu nervosamente uma haste de giesta florida, aspirou-lhe sem interesse o perfume e, vagarosa, ao lado de João, avançou até ao rebordo agreste da falésia. Quedou ali, silenciosa, olhos perdidos na vastidão do mar alongado em placa de esmalte azul, cravejada de diamantes, até se fundir com o céu luminoso, nos confins da distância. Depois, sempre calada, desprezando acatellamentos, sentou-se, audaciosamente, numa quasi provocação ao perigo, no regaço duma rocha equilibrada por milagre à beira da costa cortada a pique sobre a praia. Lá em baixo, na profundez alucinante, o mar bramia raivas e enrolava espumas nos cachopos, ia e vinha, inquieto, na cadência das vagas, alinhadas como esquadrões partidos a combate.

Como água pairando sobre o abismo, ficou assim, face doirada pelo sol poente, cabelos entregues, como brinquedo, aos doideiros do vento.

Ele sentou-se perto; estendeu as pernas no chão varrido de carumas, encostou-se de lado sobre o cotovelo, e ficou a olhá-la, vagamente apreensivo pela demora daquela mudez.

Cortou-lhe a voz um soluço. Achevou ao peito o filho, o seu pequeno Jaques, como a buscar nêlo esôrço de ânimo para ouvir a condenação da sua felicidade; e, cravando na face pálida do marido os olhos ansitados, rogou:

— Jura-me então... Jura sobre a cabeça de nosso filho que «ela» não é tua amante! Jura que nem tu nem ela me traíram ignobilmente! Jura, João! Jura pelo nosso filho!

Trémula, palpitante de angústia, empurrava o pequenito, punha-o diante do marido, a oferecê-lo como cara de sacrifício, para que, sobre a fronte inocente e muda, tristemente erguida para o pai, fôsse pronunciado o juramento-garantia.

Era tão desgarradora a insistência, havia tanta aflição na voz e nos olhos da pobre Maria que ele sentiu-se inseguro no reduto de cólera onde enrincheirava a defesa da mentira. Perturbou-se, trocou o modo áspero, a fala agressiva por gestos brandos e palavras suaves. E quis acalmá-la, embalar-lhe a confiança com afagos tranquilizadores, iludir a garantia do juramento com protestos de amor só por ela sentido, só a ela dado... E para se fazer acreditar, sem comprometer a consciência, tornava-se subtilmente meigo e persuasivo.

E mentia... mentia pèrdidamente...

Mas nos olhos razos de lágrimas fixos nos seus, desvaírados expectantes, não se esbatia a dúvida viva, aguda, que ora incendiava lampejos selvagens nas pupilas, ora lhes apagava o brilho em quebramentos súplices.

Não, as carícias adormecedoras, as palavras sem reñens que lhe soavam falso na alma, não bastavam para a convencer, não lhe restituíam a tranquillidade aliviadora. E, tremente, suplicada pelas queimaduras da suspeita corrosiva que se avolumava em caudal de lava fervente à medida que o juramento tardava, não vedia, não desistia:

— Mas jura, então! Jura sobre a cabeça do nosso filho! Só assim acreditarei! Se não juras, é porque mentes... E se mentes... acaba-se tudo entre nós! E para sempre! Para sempre!

Havia mais ameaça na expressão resoluta, angustiada, daqueles olhos sombrios e perfurantes, do que em massa de nuvens negras acasteladas num céu de procela.

Ele compreendeu que ela partiria, que nada a deteria nem venceria senão o juramento solene, feito sobre a cabeça do filho. Teve medo de a perder, de ficar só no lar ermo e frio. Nutria pela «outra» uma paixão violenta, avassaladora, de que não podia libertar-se; mas aqueles dois entes, a

ESCUATAI ROMA!

(Centro Rádio Imperial da «EIAR»)

NOVO HORARIO
 NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA
 TODOS OS DIAS

Postos	Ondas	(KCS)	Horas de Portugal
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	7,50
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	
2 RO 17	m. 15.31	(KCS 19590)	11,00
2 RO 17	m. 15.31	(KCS 19590)	15,30
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	20,10
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	"
2 RO 15	m. 25.51	(KCS 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(KCS 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(KCS 7220)	"
Ondas médias	m. 221.1	(KCS 1357)	20,10
	m. 263.2	(KCS 1140)	"
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	22,10
2 RO 15	m. 25.51	(KCS 11760)	"
2 RO 3	m. 31.15	(KCS 9630)	"
2 RO 11	m. 41.55	(KCS 7220)	"
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	"
2 RO 18	m. 30.74	(KCS 9760)	23,00
2 RO 6	m. 19.61	(KCS 15300)	"
2 RO 4	m. 25.40	(KCS 11810)	"

COMUNICADOS DO QUARTEL GENERAL ITALIANO EM LINGUA PORTUGUESA

2 RO 17 m. 15.31 (KCS 19590) das 11,15 até 11,25

NOTA: Aos domingos, às 20,20 horas, e às quartas-feiras, às 20,10 horas, serão radiodifundidas palestras em lingua portuguesa.

Em M. 25.70 (KCS. 11695) e 30.52 (KCS 9830)

Por fim, como se ouvisse intimamente qualquer coisa que lhe merecesse desprezo, ela descerrou os lábios num sorriso desdenhoso e, sem arredar os olhos volvidos ao mar, frêchou-o:

— És como os outros... Púslíname e falso como os outros!

— Carmo! — protestou êle. — Sabes que te amo apaixonadamente, exclusivamente... Mas era preciso...

De repelão, ela enfrentou-o fria, quasi aggressiva, a cortar-lhe a justificação: — Era preciso?! Para quê? Se não a amas, porque não a deixas? Para que lhe mentes? Se me tens amor porque o occultas, porque o negas? Porque ficas prêso a «ela»?

— O meu filho... É por êle...
— O teu filho?! Só por êle?... Ah, não me iludes! Nem que jurasses falso! Lêo, melhor do que julgas; no teu coração. Não é o teu filho, é «ela», ouve bem: é «ela» só quem te prende! Porque tu ainda a amas!

As palavras passavam-lhe nos lábios delgados, sibilantes, referventes de cólera desatada e despeito incontinido.

— E eu não suportio mais esta partilha odiosa, esta comédia de amizade! Ouve-me bem, João: odeio a tua mulher, odeio-a com tôdas as fibras do meu coração! Quero partir, contigo ou só, mas partir daqui, quanto antes. Não posso suportar tanta mentira, tanto sobressalto, tanta dissimulação. Odeio-a, ouves bem? Odeio-a porque lhe tens amor e pode amar-te à luz do dia, enquanto eu só na sombra do crime posso colher os restos de amor que te deixa! Odeio-a porque passas dos braços dela para os meus! Odeio-a porque vive junto de ti, feliz, considerada, pela ventura com que me afronta! Odeio-a, até, pela sua bondade, pelo afecto que me dispensa e que me queima como brasa viva! Odeio-a por tudo isto que, para mim, são punhaladas certeiras, minuto a minuto vibradas no meu coração, e que eu tenho de sofrer com o sorriso nos lábios e a gratidão nos olhos! Ah! não! Mais tempo neste inferno, não! Se me tens amor, deixa-a. Partamos. Vamos ser felizes em qualquer parte; onde não tenhamos de nos esconder como feras perseguidas! Mas não! Tu não me tens amor... Se o tivesses...

— Carmo, bem sabes que te amo loucamente, perdidamente! A ti, a ti só!

— E condenas-me a esta vida de ignominia e de mentira! E queres continuá-la!... Mas se é a mim que tu amas, porque o negaste à «outra»? E, se não me tens amor, porque mo vens de novo jurar? A quem mentes então? A «ela» ou a mim? A ambas, talvez, porque tu és como os «outros», falso e cobarde. Não vales mais do que os «outros»!

Um pouco além, esquecido dêles, recolhido ao resguardo da mata que se estendia quasi à crista da falésia, Jaques, o pequeno Jaques, adestrava a pontaria da fisga construída por suas mãos.

Na mata dôcemente rumorosa, reinava a calma do entardecer. A luz do poente penetrava, de través, as frondes, deitava de lado as sombras esguias dos troncos sôbre o tapete de carumas listrado de oiro pálido. Mas a aragem soprada do mar trazia até ali,

nitidos no silêncio ambiente, retalhos da conversa abominável. E o pequeno, enquanto alvejava o tronco chagado dum pinheiro, recolhia na alma palavras cruéis. E, baixinho, só para êle, murmurava dolorosamente:

— Mãisinha!... Pobre e querida mãisinha!...

Por mais que se esforçasse, não podia desviar a atenção do grupo formado pelo pai, deitado, lá adiante, em atitude de adoração, aos pés da traidora amiga de sua mãe, daquela que ela chamara para seu lado, para o seu lar, na hora em que o infortúnio a orfanara. Bem quisera não ouvir o que os dois ali diziam, conluídos em mentira e traição... Mas o vento trazia-lhe, impiedoso, as palavras odiosas, e a sua pequena alma, revoltada, guardava-as, uma a uma, bem lembradas, bem aninhadas em rancor. E nos intervalos do tiroteio quasi maquinal, olhava duramente as duas silhuetas, voltadas uma para a outra como se quisessem absorver-se, recordadas em negro sôbre o fundo esbrazeado do poente.

Havia muito que surpreendera o segredo tórpe; e havia muito que o escondia no coração e lá o devorava em desgosto surdo.

E a aragem trazia-lhe mais palavras: — João, um coração é pequeno para dois amores sinceros; não podem caber nêle, em lugar igual, duas mulheres. Uma é lá demais. Escolhe: ou ela, ou eu! Mas escolhe imediatamente, definitivamente!

— Ouve, meu amor... É cêdo ainda... Mais um pouco de paciência... Prometo... Amo-te muito...

— Não! Ou já ou nunca!
Era firme o tom, firme o olhar, firme a resolução.

Ele conhecia-a... Não transigiria... Iria perdê-la? Não, isso não! Era-lhe necessária à carne, necessária ao sangue! Não podia passar sem ela!

— Então? Ela ou eu? As duas, não! Nunca mais!

Debruçava-se para êle, hipnotizava-o com o fluido das pupilas ardentes, a arrancar-lhe a decisão que, por misteriosa influência, lhe sugeria como a desejava.

— João... Ela ou eu? — insistiu, carregando a voz de doçura embriagadora.

— Tu, meu amor! Tu, sôbre todos, sôbre tudo no mundo! — resolveu êle, num ímpeto de ardor, mas baixinho, como se tivesse medo da própria voz

Respondeu-lhe um grito de triunfo.

E no recesso da mata, Jaques estremeceu, suspendeu o tiro pronto a disparar, ficou imóvel, pregado ao chão.

— Deixas a outra? Partes comigo? Serás só meu? Só meu? — persistiu ela, lá adiante.

— Sim...

— Juras?

— Sim... sim... Amo-te!...

— ...Sôbre a cabeça do teu filho?

Nos olhos do pequeno Jaques passou a visão da sua mãe abandonada, consumida de dôr e de lágrimas, morta, talvez, de desgosto. Zumbiram-lhe os ouvidos; sentiu-se envolvido por negro nevoeiro que lhe velou tudo, — menos aquele vulto de curvas felinas, empoeirado no rochedo abrupto, recordado em escuro sôbre o poente sangrento.

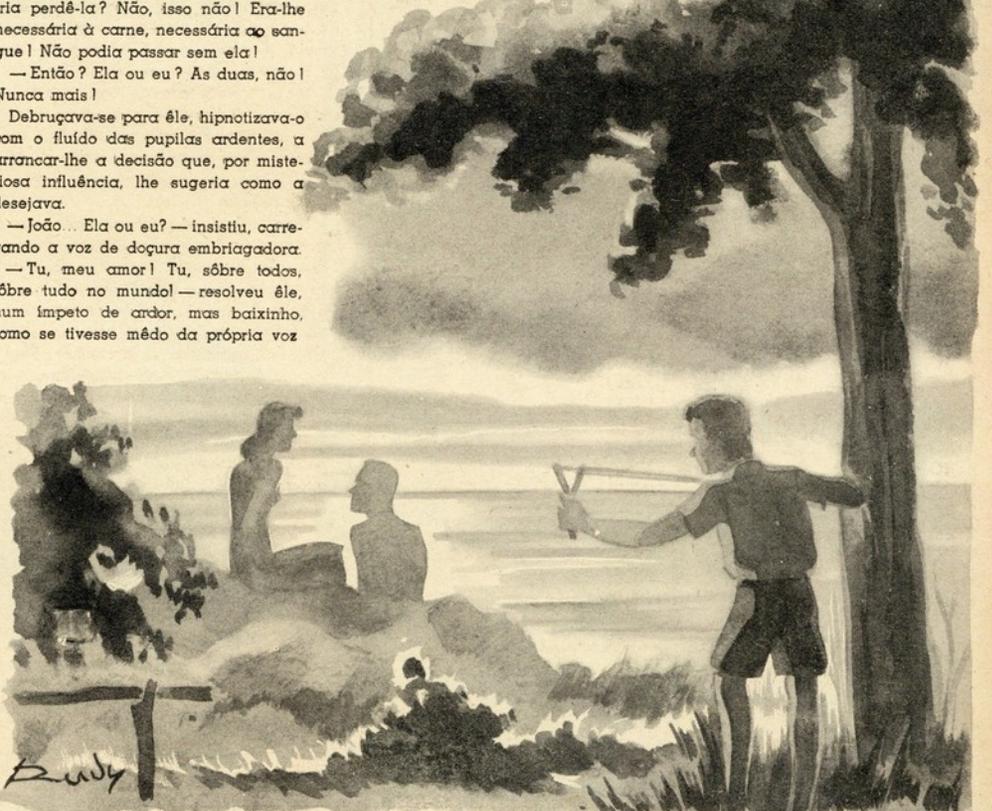
Ergueu a fisga à altura dos olhos... Visou... E o tiro partiu.

Lá adiante, sôbre a grande braza rubra, a silhueta flexuosa endireitou-se em golpe de surpresa, teve um recuo instintivo que a fêz desequilibrar sôbre a rocha alcandorada na beira da falésia... E tombou.

No espaço, ao longo da costa cortada a pique, ecoou arripiante grito de pavor, logo abafado pelos bramidos do mar...

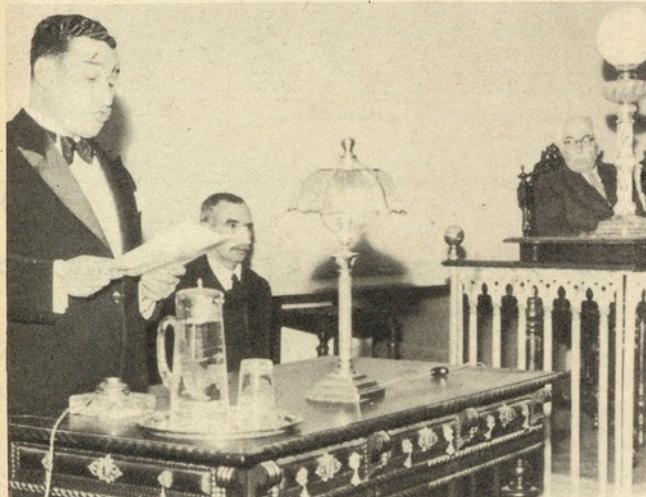
Quando João, acordando, em desvaio, do pasmo de horror, voltou em tórno os olhos alucinados, a procurar explicação da tragédia, só viu o filho, o seu Jaques, pálido como pano de sudário, de pé, parecendo ter crescido na imobilidade hirta, segurando, ainda, na mão pendida, a fisga desarmada, a olhá-lo com expressão estranhamente severa, estranhamente reprovativa...

E baixou a cabeça ante aquele olhar que nunca mais esqueceria.





O CHEFE DA JUVENTUDE ESPANHOLA discursando durante a festa efectuada recentemente na Juventude de Galicia e presidida pelo embaixador de Espanha.



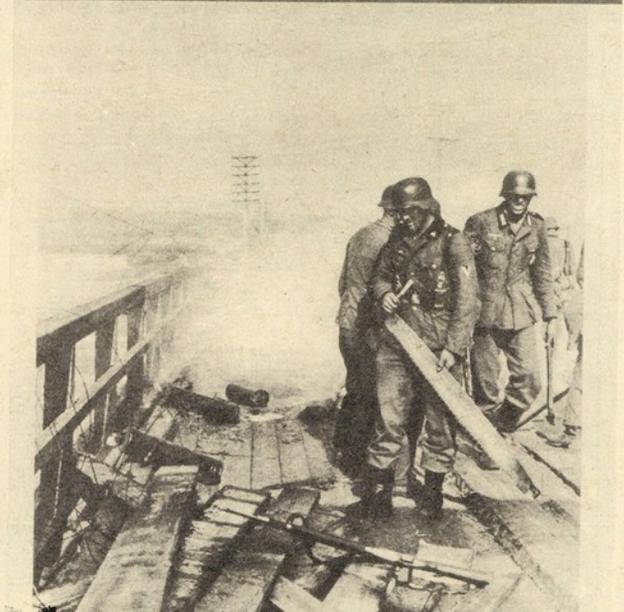
O SR. MANUEL CANHÃO efectuando, na Sociedade de Geografia, a sua conferência sobre os caracteres de Imprensa e a sua evolução em Portugal.



ANTIGOS COMBATENTES INGLESES colocando ramos de flores no dia do Armistício no monumento aos mortos da Grande Guerra, erigido em Lisboa.



REPRODUÇÃO DUMA GRAVURA PUBLICADA na grande revista americana «Friday», de Nova York, que nos dá bem a ideia da grande expansão internacional de «Vida Mundial» — a maior tiragem de todos os semanários portugueses.



«DIE WEHRMACHT» a revista publicada pelo Comando Superior do Exército Alemão começou a editar um número especial para o estrangeiro, com a designação «Ausgabe A» COLABORAÇÃO MAGNIFICA — 24 PAGINAS COM FOTOGRAFIAS INÉDITAS — CAPA A 4 CORES

«DIE WEHRMACHT» — Esc. 2\$50

Distribuída por: Agência Internacional — Rua S. Nicolau, 119 — LISBOA

USE O MATERIAL FOTOGRÁFICO

ILFORD

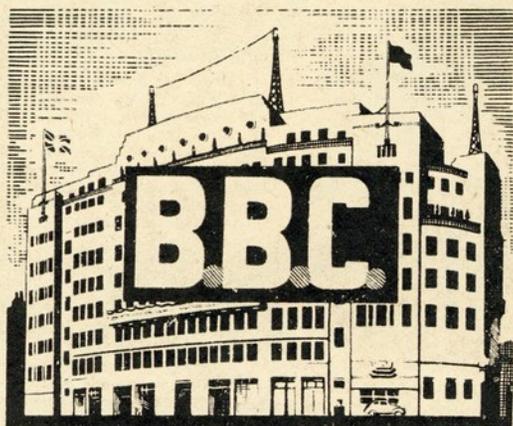


CHAPAS // PAPEIS
PELÍCULAS

A venda nos estabelecimentos de artigos fotográficos



ILFORD LIMITED
ILFORD—LONDRES



a voz de Londres
FALA É O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LINGUA PORTUGUESA

Horas		Estações	Ondas curtas
12.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21.64 mc/s)
		G S O	19.76 m. (15.18 mc/s)
12.30	Actualidades	G R V	24.92 m. (12.04 mc/s)
21.00 (*)	Noticiário	G S C	31.32 m. (9.58 mc/s)
		G S B	31.55 m. (9.51 mc/s)
21.15	Actualidades	G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24,92 metros (12,04 mc/s) em G. R. V.

Cria o hábito de ler «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C.
À venda na Livraria Bertrand, Rua Garrett, 73-75.
preço de Esc. 1\$20.



O DOUTOR RUI LERICHE, professor de Medicina Experimental do Colégio de França, encontra-se entre nós, realizando conferências que despertaram o maior interesse nos nossos meios científicos. Em cima: o prof. Leriche falando na Faculdade de Medicina de Lisboa; em baixo, os assistentes à recepção que em sua honra deu há dias o sr. Cônsul da França no Pôrto.



CONTRA TODAS
AS QUEIMADURAS

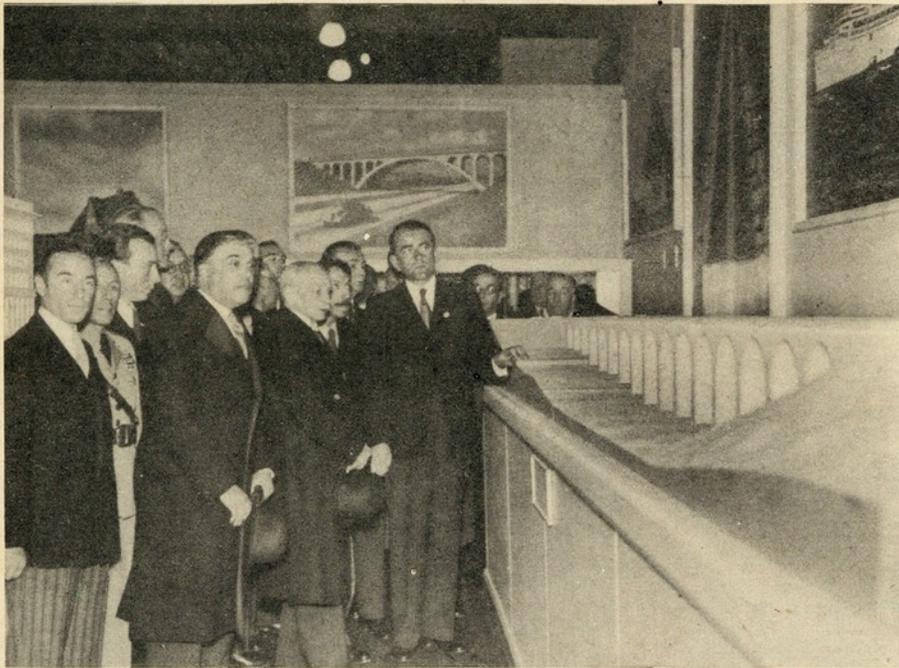
APYROL NÃO É UM CREME, É
UM PRODUTO MEDICINAL

A venda na Farmácia
Estácio — Rossio e em
todas as boas farmá-
cias e drogarias

APYROL



O SR. DR. F. E. PULIDO VALENTE falando na última sessão da Sociedade Médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, reunida no Hospital dos Capuchos.



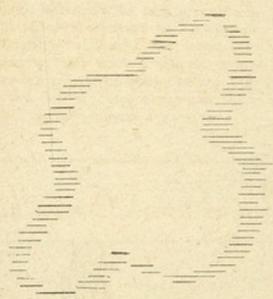
Vida PORTUGUESA

O CHEFE DO ESTADO, acompanhado do sr. eng.º Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e Comunicações, e de outras altas individualidades, inaugurou há dias no Palácio da Sociedade Nacional de Belas Artes, à rua Barata Salgueiro, a grande exposição da nova arquitectura alemã, certame artístico que tem sido muito visitado.



O COMANDANTE HENRIQUE TENREIRO falou, no domingo passado, aos novos filiados da Brigada Naval por ocasião da grande formatura que se efectuou no quartel de marinheiros, no início do novo ano de trabalhos daquela organização.

PARTIU NA SEMANA PASSADA para os Açores mais um contingente de tropas expedicionárias composto de maqueiros especiais, enfermeiros e ajudantes de farmácia, constituindo o pessoal necessário para guarnecer três hospitais.



O SR. DR. ANTÓNIO JORGE MARTINS DA MOTA VEIGA tomou posse do alto cargo de secretário do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência. Ao acto, que foi muito concorrido, assistiu o sr. dr. Trigo de Negreiros, subsecretário de Estado das Corporações e Previdência Social. A foto, à direita, dá-nos um aspecto da cerimónia da posse, quando o sr. dr. Mota Veiga assinava o auto.



VARIETÉ DA SEMANA

FABRICA DE ESTRELAS



Num dos últimos andares dum arranha-céus de Broadway, em Nova York, tem a sua sede um curioso clube.

Compõem-no admiradores incondicionais das «estrelas» e «astros» do «firmamento» cinematográfico. Cada um dos sócios acenta um sonho: copiar, até à perfeição, o seu idolo.

Para tanto, possui o clube, em modelares anexos, inúmeras clínicas de beleza servidas por um exército de cirurgiões — que só se ocupam de estética plástica — de cabeleireiros especializados, de maçagistas, de «professores» de maquilhagem, de... etc., etc.

Quere uma cândida donzela parecer-se com Myrna Loy? Prefere Claudette Colbert? Greta Garbo?

Nada mais complicado, mas, também, mais viável. Os cirurgiões-estéticos mudam-lhe o corte da boca, rasgam-lhe os olhos, arrebítam-lhe o nariz (se persistir no encantador modelo de Myrna Loy), impõem-lhe curas de emmagrecimento ou ordenam-lhe que coma carnes verdes para engordar. Depois, os maçagistas. Depois, os cabeleireiros. Depois, depois, depois...

Dura meses e custa muito bom dinheiro. É de notar que as tarifas não são sempre uniformes. Dependem da posição da «estrela» e do seu renome e prestígio.

Parecer-se com Greta Garbo — misteriosa como a esfinge e cândida como a Gioconda — custa 500 dólares... sem o sorriso enigmático da Mona Lisa. Mais cara só a Claudette Colbert — gaiata e sentimental — que se alcança por um mínimo de 600 dólares...

Os outros ídolos, acessíveis a bolsas menos cheias, valem — é o caso de Joan Crawford e de Anita Page — entre 150 e 300 dólares. Nesta feira de vaidades o tipo «vamp» — Marlène Dietrich para elucidação dos leitores — custava ainda há pouco 500 dólares e já está por 300... Crise...

Outra das receitas do clube resulta deste funcionar, igualmente, como agência matrimonial.

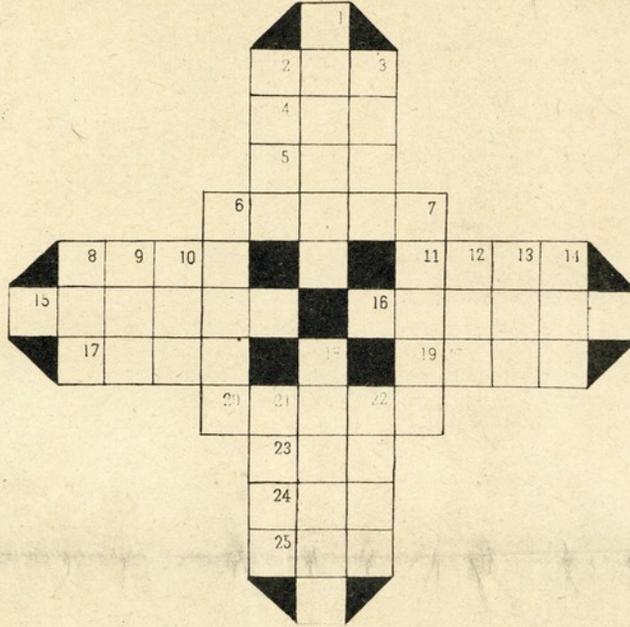
É assim que há sempre disponíveis para casamento um ou dois Clarks Gables que esperam pelas suas Paulettes Godards. Daí, o aparecerem no órgão do clube anúncios como este:

«Uma elegante Ginger Rogers deseja casar com um simpático Gary Cooper.»

Ou então:
«Um Charles Boyer, de 50 anos, proprietário duma vivenda, procura, para fins matrimoniais, uma Eleanor Powell de 17 primaveras.»

PALAVRAS CRUZADAS

«Vida Mundial Ilustrada», inicia hoje uma secção de Problemas de Palavras Cruzadas. Todos os nossos leitores poderão colaborar nela, quer como produtores, quer como decifradores. Os produtores deverão enviar-nos os seus problemas sempre em duplicado, a tinta da China, com e sem soluções. Indicando também, e sempre, quais os dicionários onde se verificam os respectivos enunciações. Os dicionários adoptados são os seguintes: Cândido Figueiredo, 4.ª Ed., 2 vol.; Fonseca e Roquete, Língua Portuguesa e Sinónimos; Do Povo; Sinónimos, de Bandeira; Mitologia, de Bandeira e Chimpre.



HORIZONTAIS: 2 — Barrêto moirisco. 4 — Jarro. 5 — Erva medicinal. 6 — Pássaro. 8 — Bestunto. 11 — Tecido de linho forte. 15 — Paulistano. 16 — Chorar (a criança). 17 — Por que preço. 19 — Fundir. 20 — Cantiga com toada música. 23 — Membro da câmara alta. 24 — Qualidade de aquilo que atrai. 25 — Filho de Júpiter.

VERTICAIS: 1 — Garganta. 2 — Entrelinha tipográfica. 3 — Zumbido. 6 — Tamancos. 7 — Balcão. 8 — Textualmente. 9 — Mendigo de Staca. 10 — Consentimento. 12 — Grande quantidade. 13 — Pedra. 14 — Tormenta. 18 — Agravo geral. 21 — Diana. 22 — Terra que clirquiupa a ser cultivada.

**VIDA MUNDIAL ILUSTRADA
VAI COMEÇAR A PUBLICAR BREVEMENTE UM
GRANDE ROMANCE POLICIAL EM FOLHETINS
A ESFERA MISTERIOSA**

AGORA É COM MAÇAS?



Enquanto na Europa toda a gente toma a sério a vida e, mais que a vida, a morte, os desportistas norte-americanos não pensam senão em procurar emoções novas, nos desportos — que se transformam, assim, em autênticas brincadeiras. Agora, por exemplo, um dos seus desejos é procurar que a luta do «catch» tenha ainda maior interesse espectacular do que até aqui. Já os nossos jornais falaram em tempos dos «rings» de lama em que os contendores de tal luta se encontravam para que os lances fôsem, pelo escoreggiado do piso, mais curiosos... e mais sujos. Hoje, porém, uma nova descoberta veio revolucionar o «catch». Agora, o piso é de maçãs!

Em cada «ring», coberto por uma alta camada de maçãs, lutam dois pares de adversários com os seus respectivos árbitros. De modo que há momentos em que a luta sobre a resvaladiça fruta faz com que os seis indivíduos se emburlem...

...Coisa que, segundo parece, o público muito aprecia.

NOVO MODELO

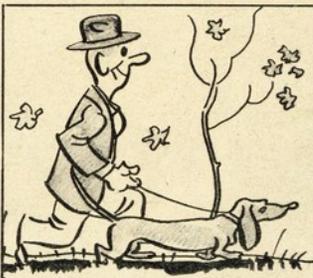


Quando se fala agora em últimos modelos, nestes tempos difíceis que vão correndo, já toda a gente sabe que se trata dos... últimos modelos de armas de fogo. São estes, infelizmente, os únicos que contam. O que os americanos agora começaram a construir e do qual temos noticia é, na realidade, a derradeira palavra do género. Trata-se duma nova espingarda que difere tanto da velha carabina de guerra como uma «browning» dum pistôlo. Esta nova e estranha arma, de peso muito leve e manejo facilimo, denomina-se «garand» e carrega-se como qualquer pistola automática. Mantendo apertado o gatilho, as balas contidas no carregador vão saindo todas como se se tratasse duma metralhadora. Qualquer de nós pode fazer com ela, facilmente, trinta a cinquenta tiros por minuto. Mas um soldado bem adestrado em carregar-la e maneja-la pode ir até aos cem...

...Sempre a mania dos «récords»!

O ESQUECIDO

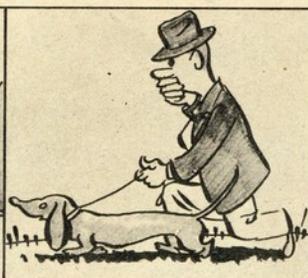
Por Stuart Carvalhais



— A minha mulher, coitada, diz que eu sou distraído, e tem razão. Já não sei do que ela me pediu para lhe comprar.



— Ainda bem que o encontro! Tenho um recado para sua esposa. Mas ponha um nó no lenço. Não vá esquecer-se de lho dar.



— Ponha um nó no lenço... Isso é bom de dizer. O pior é que eu esqueci-me de trazer lenço. Mal-dita cabeça a minha!



— Ora tudo tem remédio... Não tenho lenço, mas tenho cão. Dou o nó no cão. Assim, já não me esqueço.

DURANTE UMA VISITA a uma casa de convalescença para os marinheiros das forças francesas livres, a Rainha de Inglaterra encontra-se com o general De Gaulle e com o almirante Muselier, comandante das forças navais «gaulistas».

